

AIO

ano II , # 8



WILLIAM DONOVAN

DIGO

ANTOINE

Hudinilson Jr.

Testosterona

O corpo e EU

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
colaboradores: André Guimarães e Chris, The Red.
site: Pedro Muraki

capa: *Sob pressão*, técnica mista sobre papel, de William
Donovan, 2019.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonaut@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonaut@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonaut@gmail.com.

Editorial

A maior revista até agora
(100 páginas!) tinha que ser
também a mais difícil, claro.
Foram muitas emoções...
desde abrir meu coração
e me expor de corpo-arte e alma até
conseguir comprometimento de artistas e
colaboradores.

Mesmo sendo repetitivo, entenda: eu faço
TUDO sozinho. Edição, redação, pesquisa,
diagramação, projeto gráfico, marketing, design
e o que mais tiver aí relacionado à revista.
Tenho alguns colaboradores sim, mas tudo é
revisto por mim. E como a revista é totalmente
gratuita, sem quaisquer fins lucrativos, eu não
vivo dela e não tenho como pagar ninguém
para me ajudar. Então, entendo outroS
empregoS (o S maiúsculo é pra destacar
mesmo o fato de não ser só um) para dar
conta de tudo. Isso faz com que a revista seja
somente bimestral (adoraria que fosse mensal,
mas não dá) e que eu precise de cumprimento
de prazos. Qualquer coisa fora do prazo, não
atrapalha somente a revista, mas todo o resto
que tenho que lidar.

Dito isso...

Essa revista acabou sendo MUITO importante
pra mim. Na minha coluna *Falorrágia*, eu me
mostro para o mundo não só do jeito que
vim, mas também pelo olhar da Arte. Um
agradecimento eterno a Wim, Thierry, Kinder,
David, Thiago, Tristor e Caru.

Na sessão *Especial*, eu abro o debate sobre
Dismorfia Corporal, algo que pouquíssima
gente sabe que existe e não se dá conta que
tem ou de como isso afeta tudo à sua volta.
Em meu depoimento na quarta edição, eu havia
deixado a brecha, mas achei que precisava
falar mais sobre isso depois de uma enquete
bem significativa que rolou no *Instagram* da
revista. A matéria termina com o movimento
Body Positivity, que tenta minimizar os efeitos
dos padrões sociais com um discurso de amor
próprio.

Interessante que outras colunas acabaram
rodeando esse tema: a *Falatório* e a *Bibliófalo*
trazem dois artistas de gerações diferentes
– Ney Matogrosso e Bemti – que falam
sobre a autoimagem de uma celebridade; a
Falo de História traz um artista que usou seu
próprio corpo como objeto de trabalho,
investigando a construção de si; a *Falocampse*
fala da testosterona, hormônio masculino que
interfere diretamente na imagem masculina;
e até mesmo as perguntas da *Falo com Você*
trouxeram o assunto, com um *moNUmento*
que passou a se olhar diferente após o ensaio
que fez.

Os artistas William Donovan e Antoine trazem
artes diametralmente opostas: da abstração ao
figurativo artesanal. E, ao invés de trazer um
único fotógrafo, trago três ensaios realizados
no Festival DIGO, que ocorreu em maio deste
ano, em Goiânia.

Acho que essa revista tem tudo para ser um
divisor de águas. Espero que você curta.

Filipe Chagas, editor

William Donovan	4
DIGO	16
Antoine	34
FALO DE HISTÓRIA Hudinilson Jr.	44
FALO EM FOCO	59
FALORRAGIA Espelho, espelho meu...	60
ESPECIAL Relação conturbada	71
FALATÓRIO	78
FALOCAMPSE Testosterona	82
BIBLIOFÁLO Vira-lata de raça	94
FALO com VOCÊ	96
moNUmento	99

William Donovan

por Filipe Chagas

A arte de William Donovan é feita a partir de suas experiências, seus medos, perdas, amores e desejos. Ao falar de sua trajetória, William demonstra tanta paixão que fica difícil usar outras palavras para descrevê-lo:

Sempre quis ser um artista. Criar uma imagem a partir do nada é mágico e, quando criança, fiquei intrigado em fazer essa mágica. Fico até hoje e reconheço que fazer arte me faz tanto um mágico quanto um artista.

Quando se mudou para Nova York para estudar Ilustração de Moda, William percebeu que precisaria cultivar seu talento através de motivação, determinação e muito estudo. Sua sede de aprendizado foi impulsionada por seu desejo de ser o melhor que poderia ser. Depois de formado, continuou a estudar por seis anos; depois de uma temporada trabalhando em Milão, retornou aos EUA para continuar sua busca pelo conhecimento: formou-se em Belas Artes na *School of Visual Arts*. Logo em sua primeira incursão na pintura descobriu sua voz:

Estava em uma oficina de pintura, inseguro e nervoso porque eu era novato nas Belas Artes. Comecei a usar minhas habilidades de ilustração, design de cores, etc, em uma tela e, quando a instrutora veio e disse: “dê a si mesmo permissão para ser um artista e tudo que fizer será válido”, algo ligou em mim. Refiz a pintura, recriando a morte de meu melhor amigo Carlo, a partir da minha memória. Aos poucos, os outros artistas da sala se aproximaram e comentaram que era uma bela pintura emocional. Percebi naquele momento que, se eu fosse fiel à minha alma, eu conseguiria fazer o meu trabalho ressoar e esse era o meu objetivo, de compartilhar visualmente minhas experiências pessoais para dar voz a experiências que não eram exclusivas para mim, mas universais.

Pode-se analisar se sua obra tem viés expressionista – inspirado em Egon Schiele –, se é quase abstrato (“não penso na precisão ou exatidão de minhas figuras, apenas na emoção e sensualidade”). Pode se comparar seu trabalho de ilustração de moda com seus trabalhos autorais (“meu yin e yang”). O que se tem certeza é que William usa do erotismo para criar uma narrativa visual que permita a percepção do espectador criar sua própria história.

Para tal, sempre trabalha com modelos no estúdio de forma colaborativa, sem noções pré-concebidas. O artista mostra seus esboços para os modelos sugerirem gestos ou poses que possam melhorar o resultado:

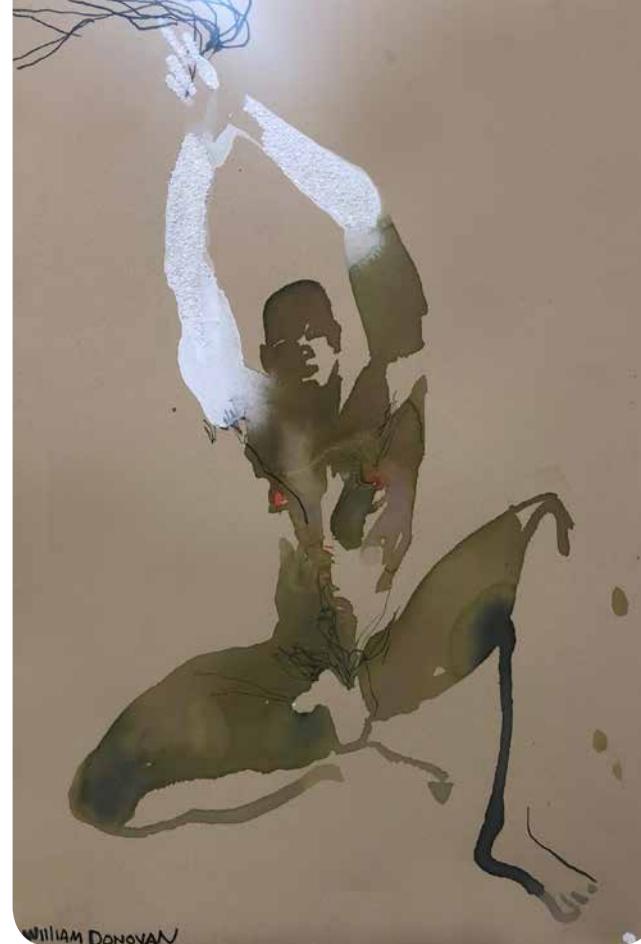




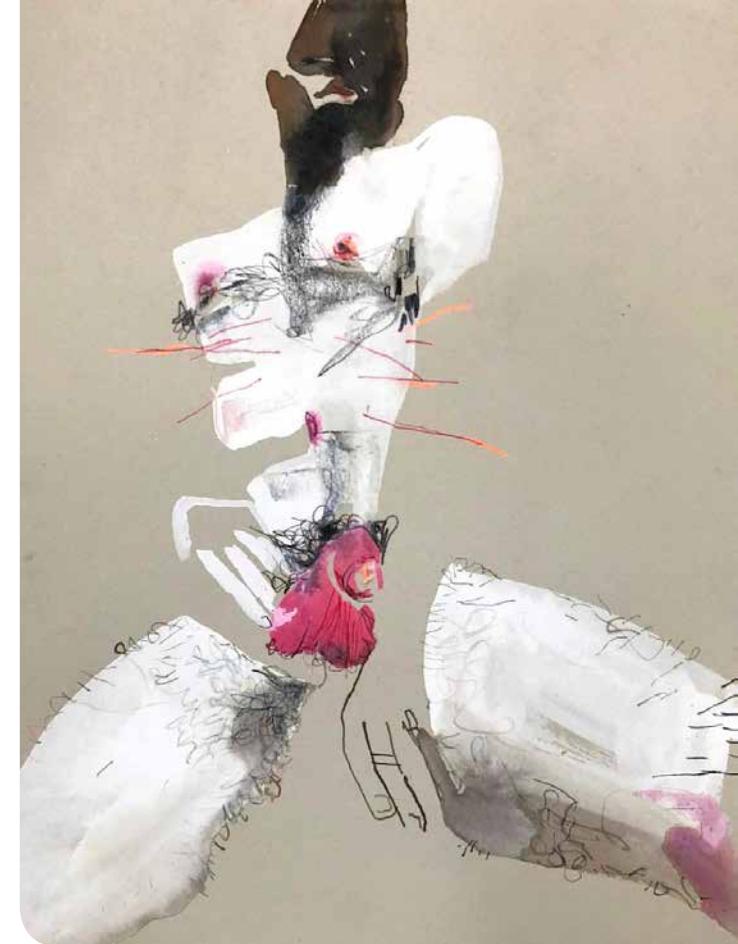
Leite, técnica mista sobre papel, 2019.



Levitação, guache e glitter sobre papel, 2019.



Ascensão, técnica mista e glitter sobre papel, 2019.



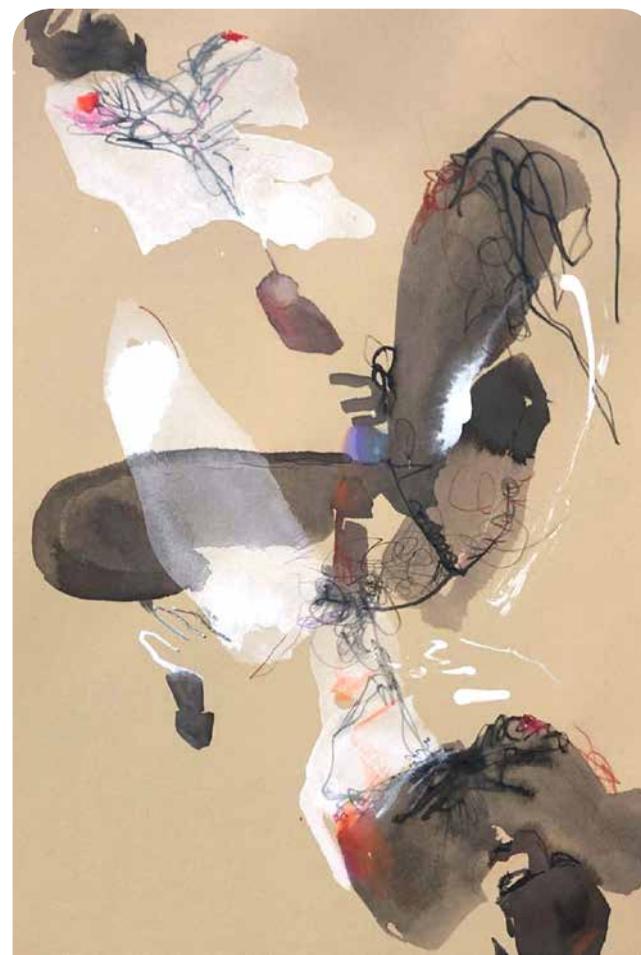
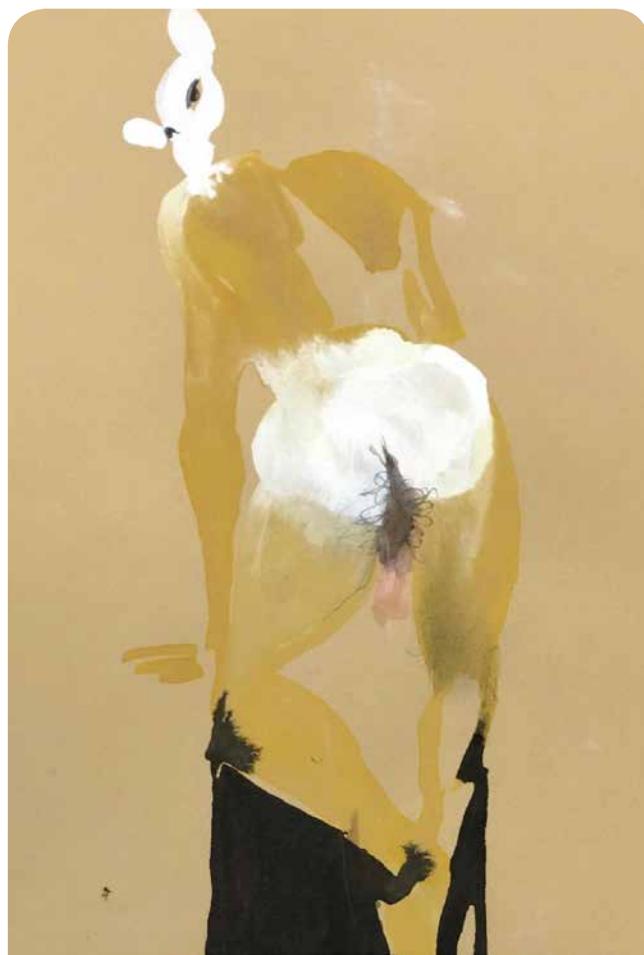
Rapaz de Berlim, técnica mista sobre papel, 2018.

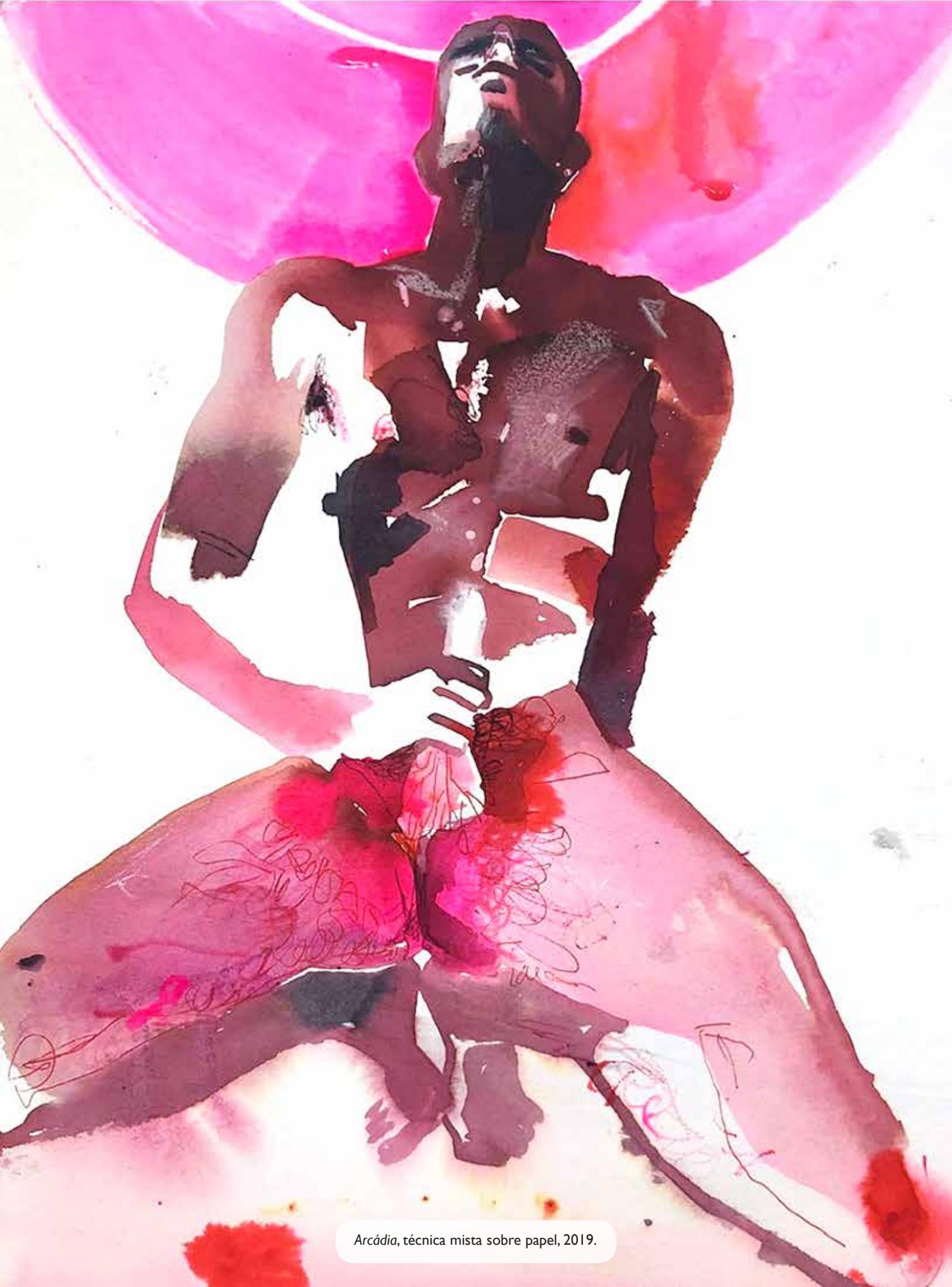
Antecipações, técnica mista sobre papel, 2018.

Inocência, técnica mista sobre papel, 2018.

Rapsódia de luxúria, técnica mista sobre papel, 2019.

13 fantasmas, pigmento seco de esmalte à base de óleo sobre papel, 2018.





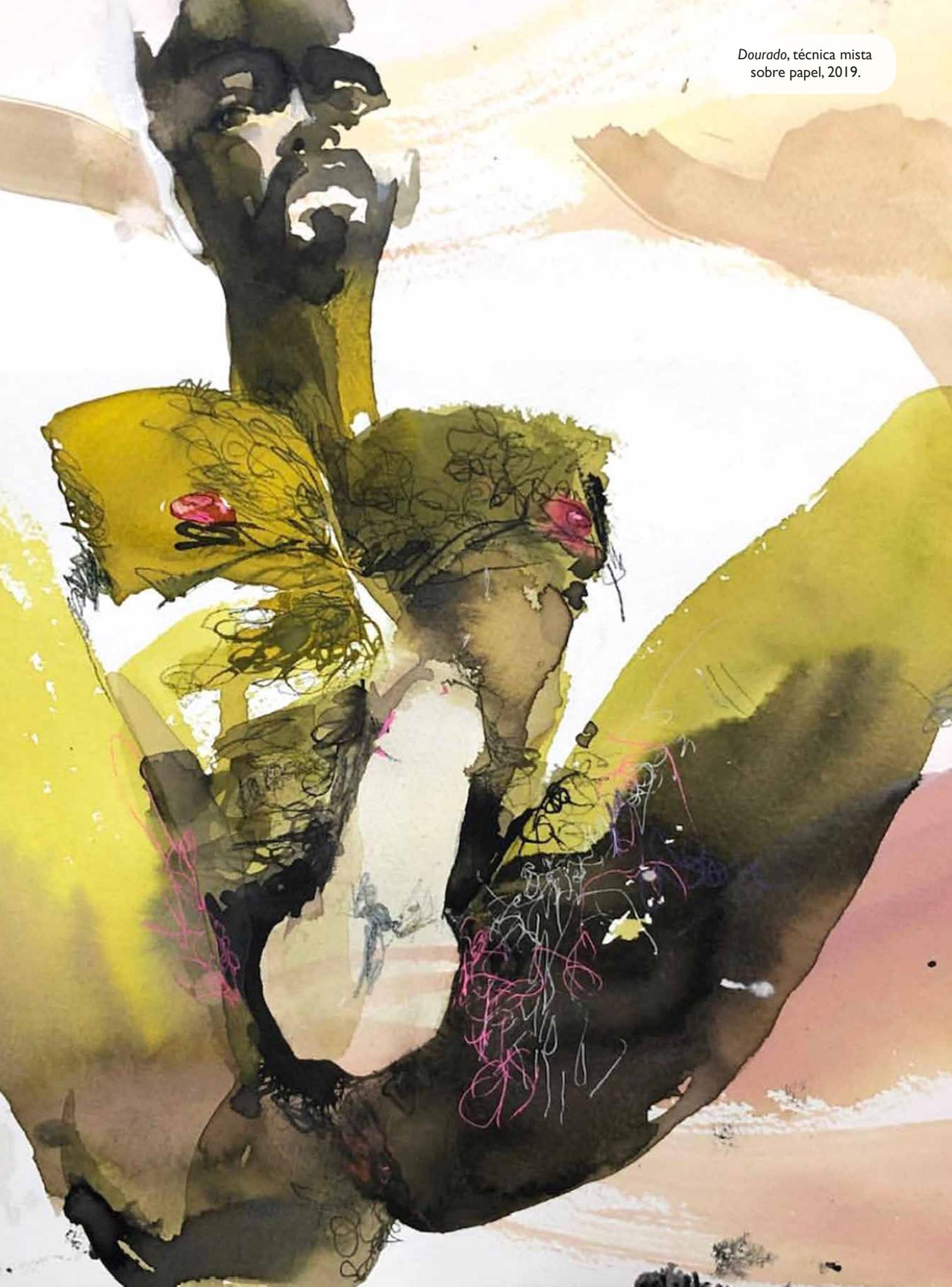
Arcádia, técnica mista sobre papel, 2019.

É uma situação espontânea, às vezes como uma dança entre artista e modelo, um desafiando o outro, através de uma performance e colaboração visual construída sobre confiança e respeito entre dois artistas. Como cada pessoa é diferente eu tento conhecer um pouco sobre eles e compartilhar um pouco sobre mim durante poses rápidas, para nos conhecermos. Acho importante ter um vínculo e confiança mútua. Permito que eles sejam quem são sem qualquer restrição. Eles costumam amar e são energizados, o que, por sua vez, me inspira. A energia trocada é incrível!

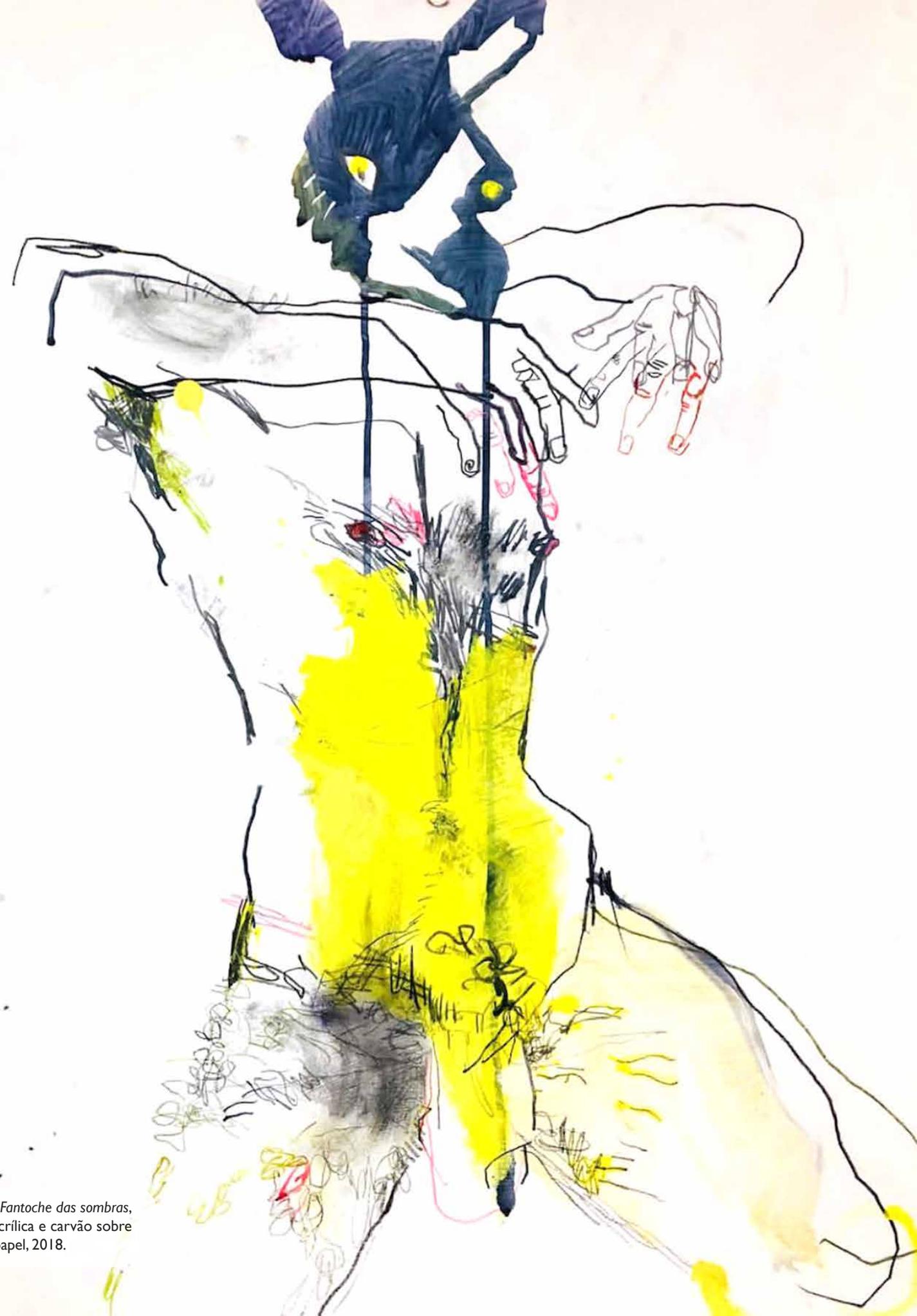


Especial de sábado à noite, técnica mista sobre papel, 2019.

*Dourado, técnica mista
sobre papel, 2019.*



*Fantoches das sombras,
acrílica e carvão sobre
papel, 2018.*



É importante dizer que William resistiu ao erotismo masculino de sua pintura para não ser rotulado como “artista erótico gay”, pois acredita que a nudez masculina ainda está confinada à Arte Erótica. Sabe que o pênis que é um símbolo histórico de poder capaz de ditar o teor de um trabalho. No entanto, uma ereção de um dos modelos fez com que ele revisse isso:

Claro que tenho minha própria inclinação e, quando um modelo teve uma ereção, percebi o quão emocionante, desafiador e bonito era capturar a sexualidade masculina. O corpo masculino é uma forma incrível de musculatura, padrões, texturas, luzes e sombras. O centro da emoção dos olhos para os ombros, o ângulo do tórax que liga os abdominais, que se transforma em cascata na virilha e na genitália. Sou obcecado com pêlos corporais, sua textura, padrão e fluxo. Nós somos criaturas sexuais e comecei a ver o sexo do modelo como definição de masculinidade e de mim mesmo.



Sem título novamente, técnica mista sobre papel, 2018.



William em seu estúdio.

A imagem do corpo masculino ganhou, então, potência na obra pessoal de William. Passou a entender o falo como uma extensão do interno visto externamente: flácido ou ereto é uma medida dos desejos de seu dono.

O falo é um órgão estranho. Não é atraente e, no entanto, é lindo. Possui dois pontos de vista. Vejo isso organicamente mais do que um dispositivo sexual, como uma flor que repousa ou floresce em cores pulsantes.

Seja em tela ou papel, com guache, grafite ou aquarela, William pretende continuar compartilhando com o público sua visão e seu amor pela Arte. Ou melhor dizendo, sua magia. **8=D**



Cirurgia plástica para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

por Filipe Chagas

De 23 a 29 de maio deste ano, aconteceu em Goiânia o IV DIGO - Festival Internacional de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás. Já incorporado ao calendário de festivais do Estado, o evento teve um público estimado de 30 mil pessoas para 47 filmes exibidos (sendo onze estreias nacionais e três internacionais), quatro oficinas de formação, seis espetáculos teatrais, três exposições, 22 performances e oito mesas com profissionais e personalidades que trataram de temas como Direito, Saúde, Defensoria Pública e Velhice LGBTI+, além de lançamento de livro e feira de diversidades.

POSTE USANDO

@DIGOFESTIVAL

WWW.DIGOFESTIVAL.COM.BR

O DIGO nasceu em 2016 conectado com a realidade da causa LGBTI+ no Brasil, objetivando estimular e promover a conscientização do público em geral no que tange o respeito integral aos direitos humanos e a diversidade sexual e de gênero. “O DIGO é um festival de artes integradas que se tornou referência no Centro-oeste por focar na questão da diversidade sexual e de gênero e proporcionar aos participantes informação e formação”, explica o diretor geral Cristiano Sousa. A concepção deste ano foi inspirada nos 50 anos da revolta de Stonewall, o primeiro movimento LGBTI+ do mundo, que aconteceu em junho de 1969, nos EUA. Lorna Washington, ícone do transformismo no Brasil e estrela dos palcos de boates gays durante as décadas de 80 e 90, foi a grande homenageada por seu histórico de luta pela causa LGBTI+.



Cristiano Sousa, diretor geral do DIGO. (Foto: Cartaxo Fotografias)



Mesa Novas cores na Bandeira - Questões Étnicas Raciais na Comunidade LGBTI+. (Foto: Cartaxo Fotografias)



Feira da Diversidade. (Foto: Cartaxo Fotografias)



Exposição Visibilidade Trans, de Hector Angelo. (Foto: Cartaxo Fotografias)



Talk show O oco virou amapô, de Victor Baliane. (Foto: Cartaxo Fotografias)



A homenageada, Lorna Washington. (Foto: Lara Vitória)



Equipe DIGO. (Foto: Lara Vitória)



Casa cheia em uma das sessões do evento. (Foto: Lara Vitória)



Exposição *Leia o perfil*, de Shaffer. (Foto: Cartaxo Fotografias)



Exposição *Toda nudez será repreendida*, de Chris, The Red. (Foto: Cartaxo Fotografias)



O fotógrafo Alejandro Zenha registrou a equipe do filme *Mr. Leather*, de Daniel Nolasco, em um ensaio especial.



Antony Hickling, diretor inglês de filmes independentes, apresentou sua trilogia autobiográfica, *Little Gay Boy* (2013), *Where horses go to die* (2016) e *Frig* (2018). Seus filmes misturam realismo e surrealismo em um entrelaçamento de gêneros teatrais, arte performática, poesia, metáforas e representações sexuais explícitas. A trilogia ganhou o Prêmio *Christian Petermann* pelo trabalho inovador que utilizou cenários controversos e ousados. Os fotógrafos Alejandro Zenha, Chris, The Red e Shaffer realizaram ensaios autorais com o diretor.

8=D



O diretor premiado Antony Hickling. (Foto: Lara Vitória)



Bastidores do ensaio de Alejandro Zenha com a equipe do filme *Mr. Leather*. (Fotos: Augusto Vale)

The trilogy that wasn't

Cine Ouro, Goiás. (2019)

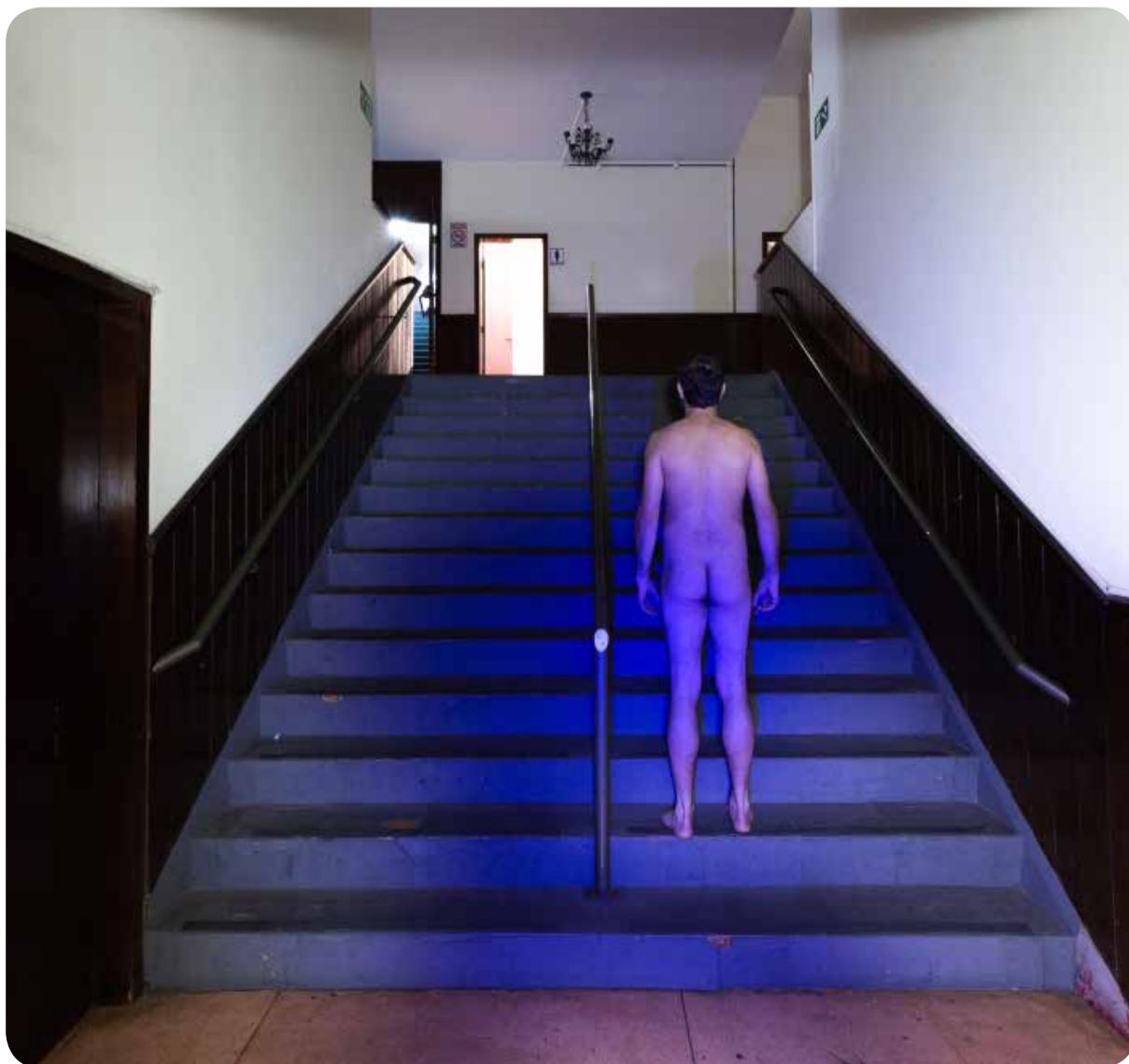
www



O fotógrafo **Shaffer** realizou seu ensaio com o diretor dentro de um dos cinemas mais antigos da cidade. Nas fotos, Antony parece em casa, em seu habitat natural, como uma evolução de seu trabalho que saiu das matas para ambientes mais urbanos.



Making of do ensaio. (Foto: Chris, The Red)





Where ideas come from

Cine Ouro, Goiás. (2019)

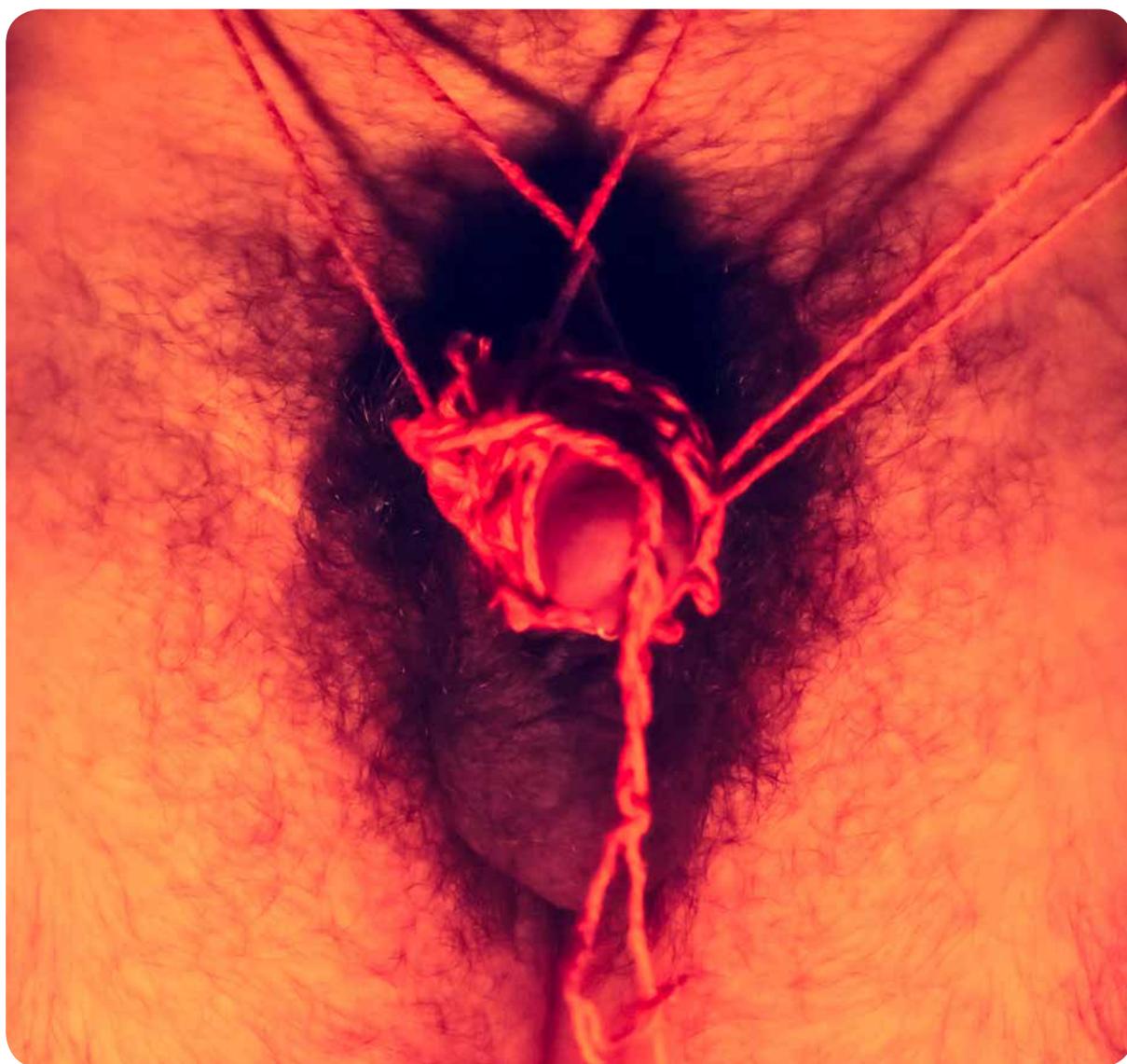
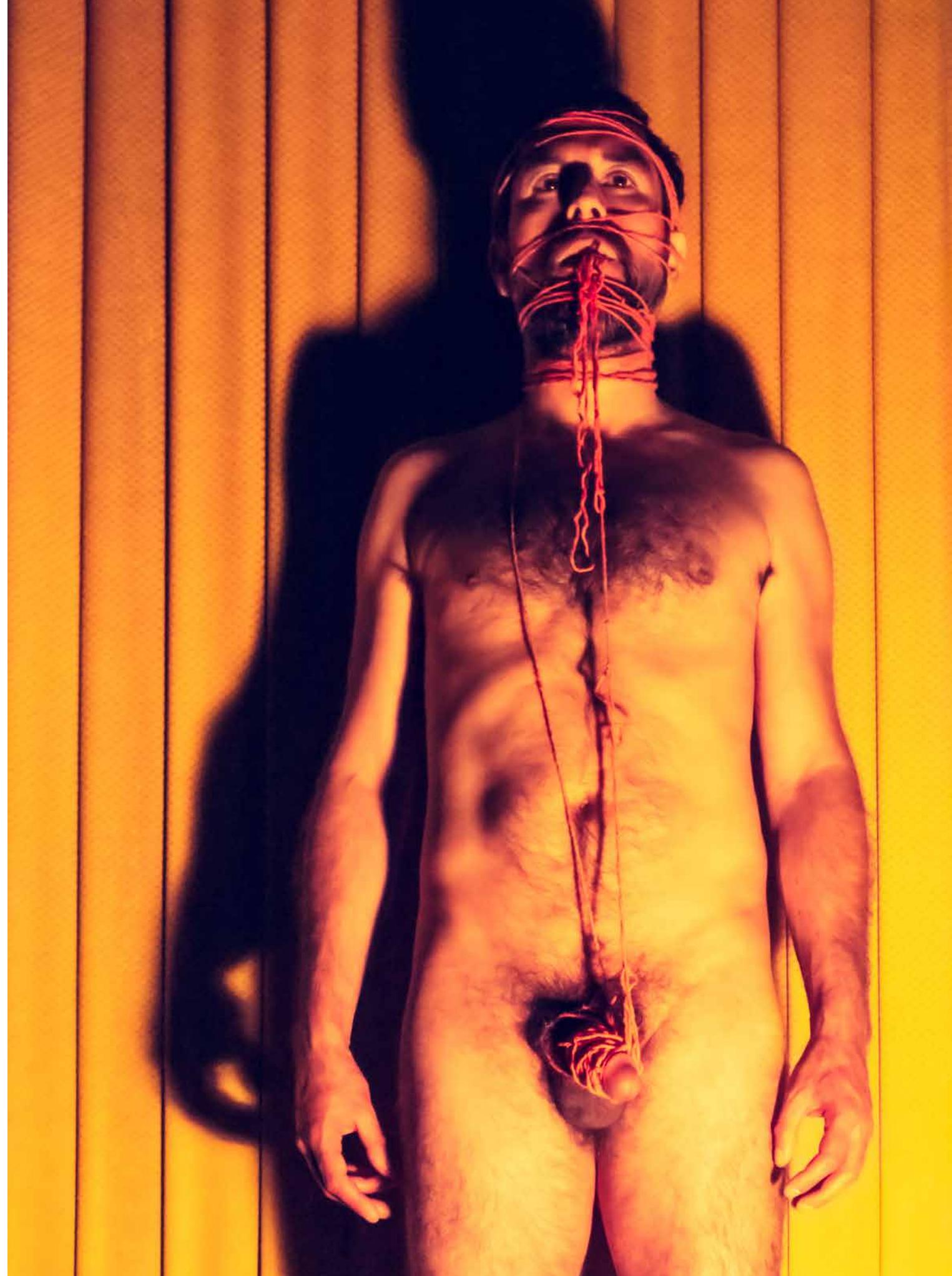
www



O ensaio do fotógrafo **Chris, The Red** com o diretor foi um desdobramento do ensaio *Toda nudez será repreendida* de 2017, que foi realizado como resposta aos atos de censura às artes ocorridos naquele ano, e estava exposto no evento. Com a mesma linha vermelha que antes cobria os corpos de maneira repressora, o fotógrafo fez a linha se dispersar e ganhar novos espaços, se estendendo como um produto das ideias geradas a partir do corpo do diretor. O título desse novo ensaio faz referência a um dos filmes da trilogia do diretor.



Making of do ensaio. (Foto: Shaffer)





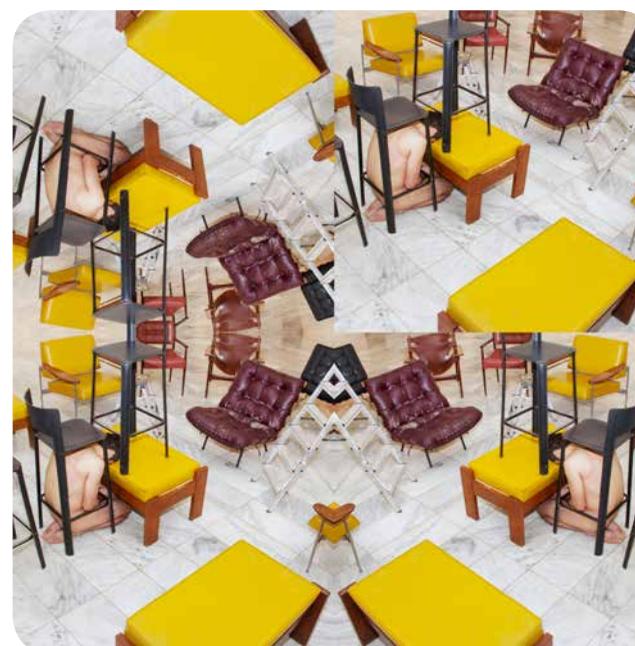
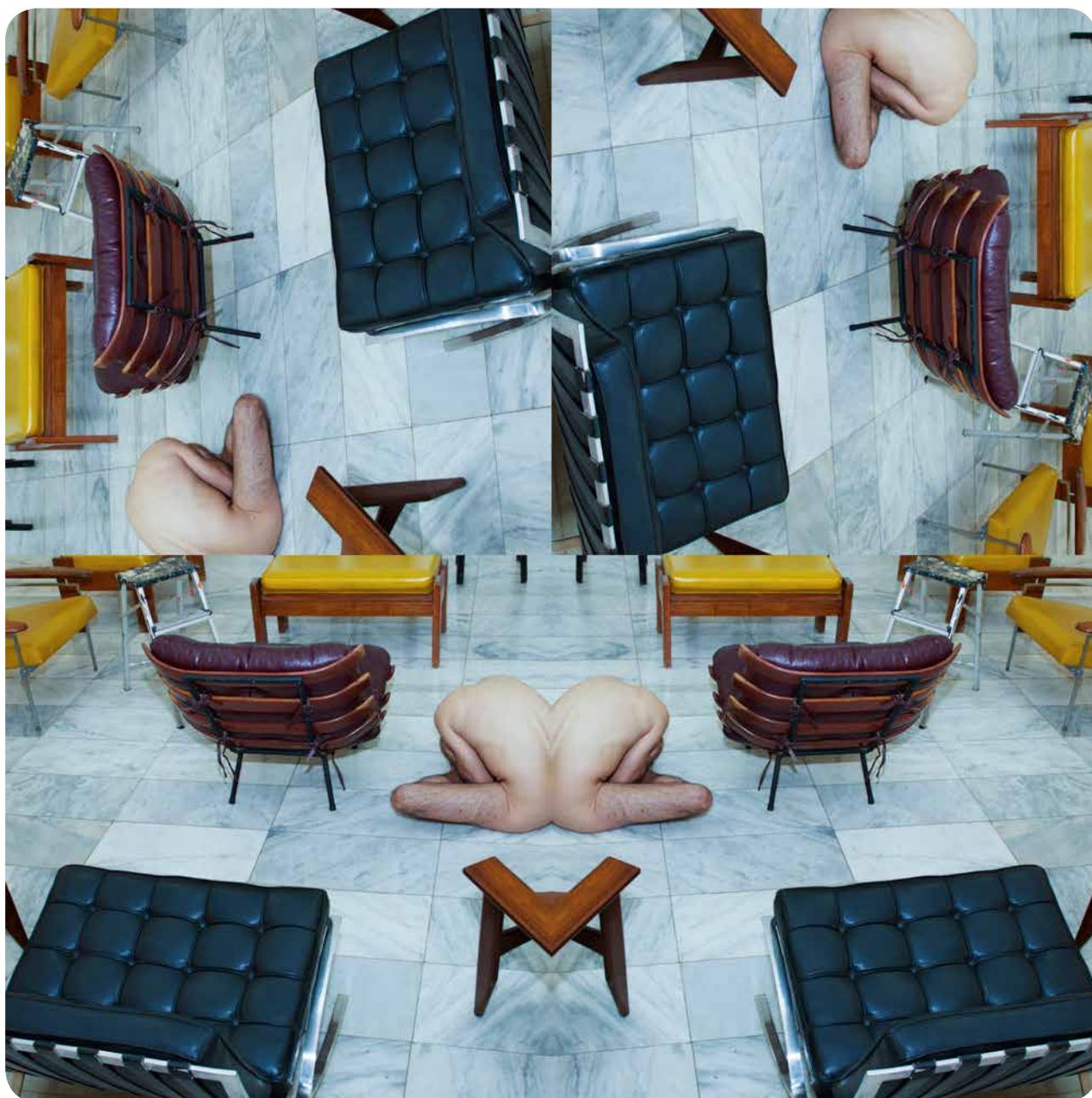
Assentamentos

Patrick Galeria de Artes, Goiás. (2019)

www



Para o ensaio com o diretor, o fotógrafo **Alejandro Zenha** deu continuidade a sua pesquisa sobre a fusão do corpo e do espaço através da fotografia. Aproveitou o amontoado de cadeiras na locação para transformar o diretor em mais um “mobiliário” na cena. Durante a edição das fotos, decidiu intensificar a fusão através de cortes na composição que conferiram um resultado mais abstrato dessa relação corpo/espaco, semelhante a montagem assimétrica dos azulejos de Athos Bulcão.





Selfie

Performance de Adriano Barbosa



Encaro de olho fechado o espelho que traz a silhueta do meu corpo. Recuperando elementos do cotidiano e utilizando meu corpo e a minha imagem à guisa de exemplo, trago metaforizado no espelho o meu estado psicológico e subjetivo para discutir questões do âmbito do narcisismo e do individualismo, mas de uma perspectiva crítica, poética e política diante de uma sociedade de consumo e competitiva. O espelho traz meus fantasmas, minhas distorções, guarda a expectativa sobre o que as pessoas projetam em mim. Minha presença física é contrastada pela imagem refletida no espelho, como numa selfie tão comum em tempos de reprodutividade técnica. Acredito que minha performance é mais do que o hiato entre meu corpo, o espelho com a minha silhueta e a imagem refletida. (release oficial)

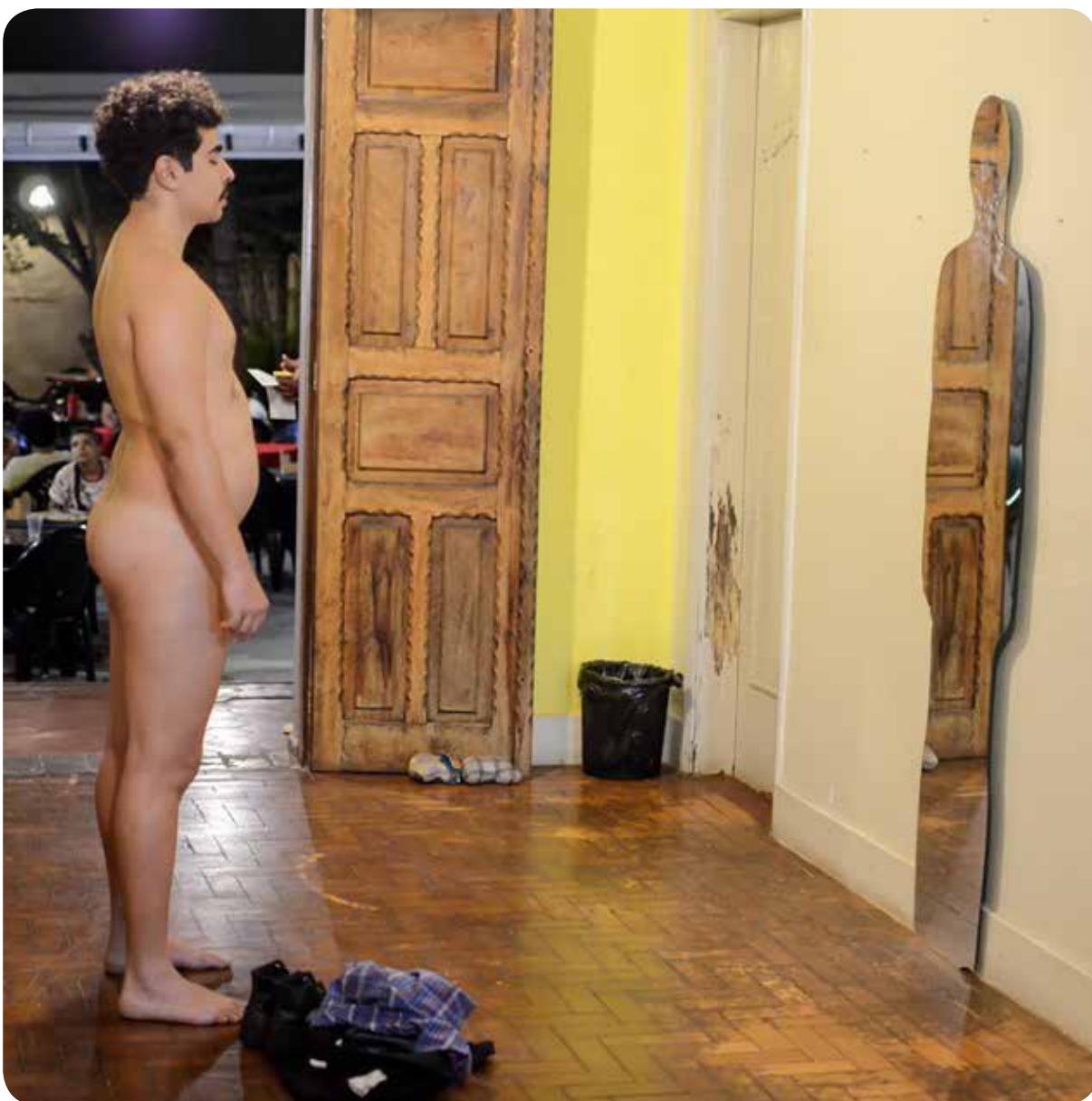
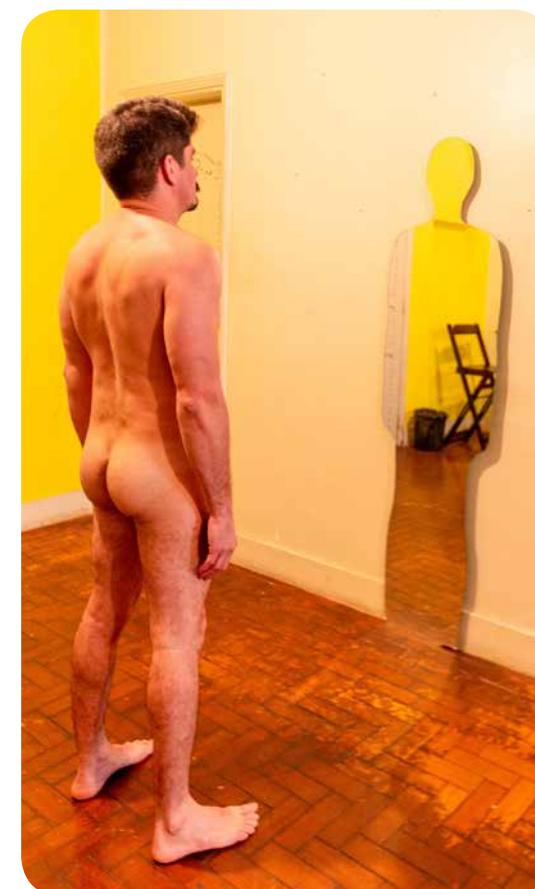


Foto: Cartaxo Fotografias.



O espelho da performance ficou permanente durante o evento e outras pessoas puderam interagir.

Acima: foto de Cartaxo Fotografias
Acima à direita: foto de Chris, The Red por Shaffer
Ao lado: foto de Shaffer por Chris, The Red



Thor, madeiras diversas e cera dourada. Modelo: Dave Marshall (2019).



É comum pensar que as Belas Artes são um processo artesanal feito com ferramentas analógicas. A História da Arte sempre mostra isso. Mas, em meados do século passado, as ferramentas de vídeo e digitais ampliaram os limites. Agora os artistas possuem inúmeras novas possibilidades para se expressarem. Como Antoine.

Antoine

por Filipe Chagas



Nascido em 1975, Antoine estudou ciência da computação e ainda trabalha na área. Mesmo não se considerando um artista (“eu sou iniciante”), ele sabe que todo mundo tem o potencial de ser um. Encontrou nas ferramentas digitais uma maneira de melhorar sua capacidade de desenhar. Quando trabalhava em um local cheio de impressoras 3D e cortadores a laser, teve a idéia de misturar desenho e marcenaria (tipo de mosaico com encaixes de diferentes tipos de madeira) utilizando essas máquinas.

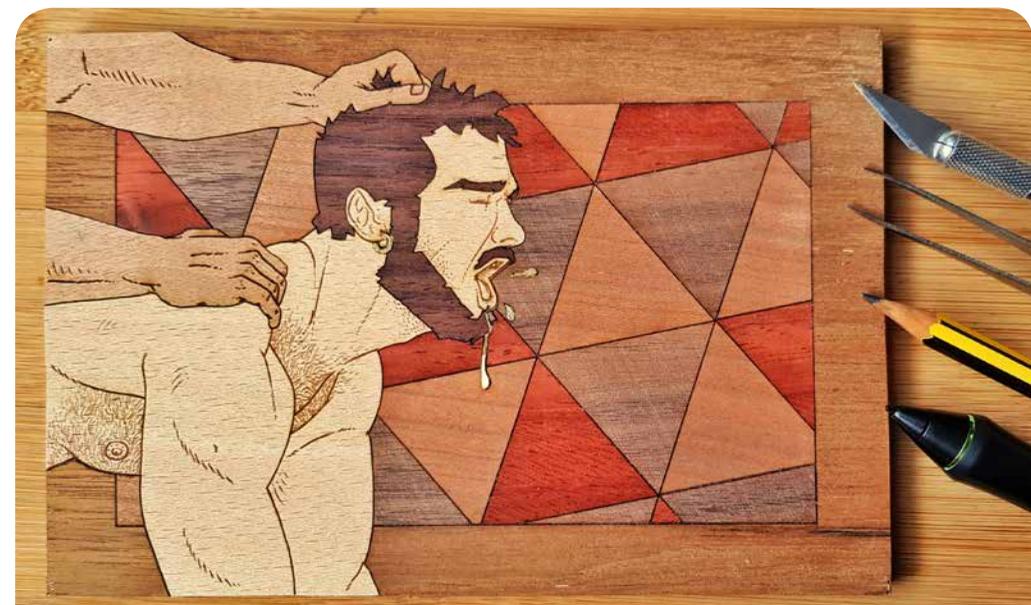
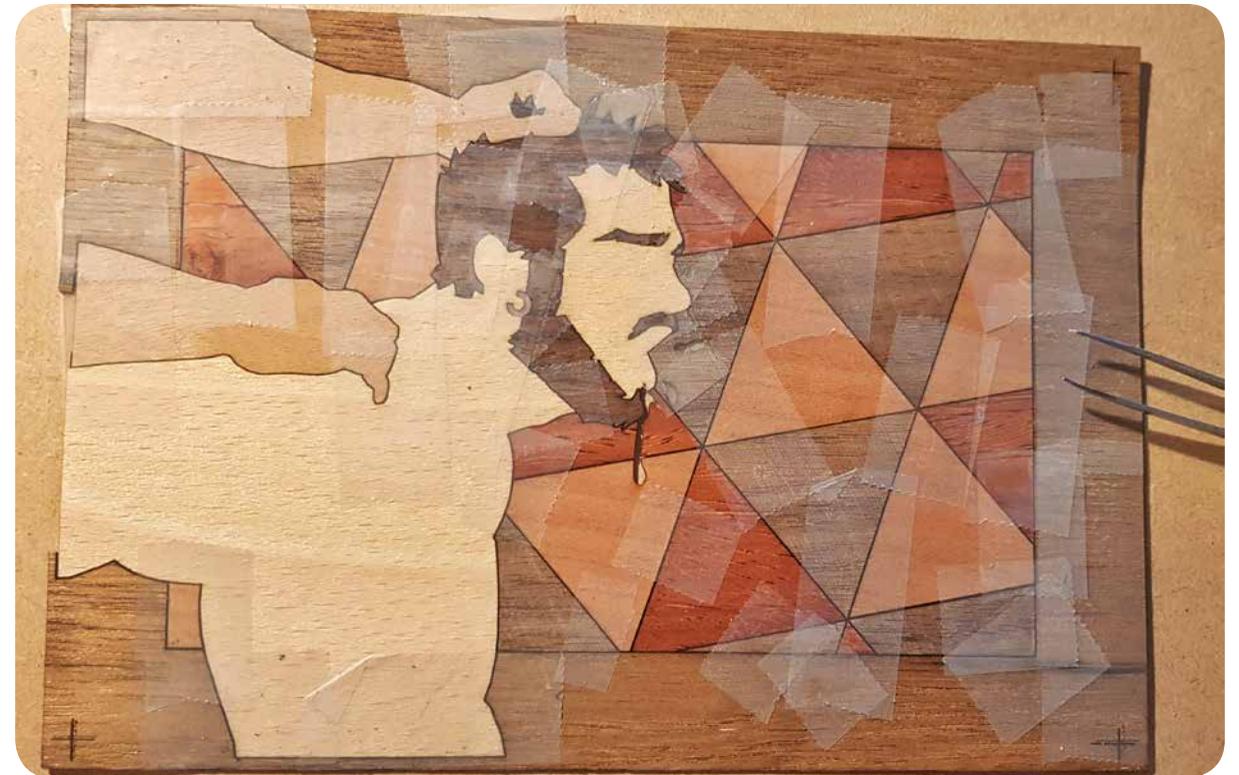
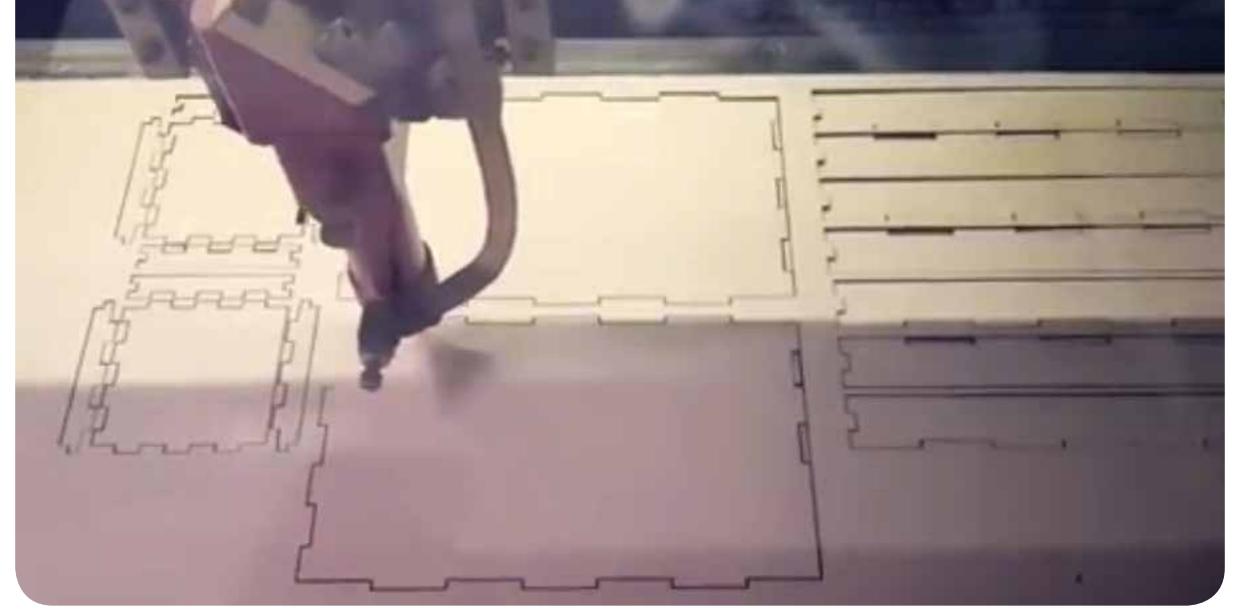
Como sou grande fã de ferramentas digitais, tenho tendência a preferir coisas que envolvam usá-las em algum momento. Não sou totalmente confiante em minhas mãos, então, sempre prefiro quando a ferramenta me permite errar. É por isso que, mesmo quando trabalho com madeira, posso planejar tudo em um computador para depois montar manualmente. Isso também me permite fazer pequenos detalhes, que eu adoro.

Com seu tablet, ele não apenas traça as linhas, mas também define os vetores para os cortadores. Ainda tem que decidir quais tipos de madeira serão usados para dar o melhor contraste e depois montar as peças.

O corte a laser é preciso até o décimo de milímetro. Isso permite refazer as peças, pois há tantos problemas ao montá-las... madeiras quebram, algumas peças precisam ser trocadas para obter mais contraste, etc.

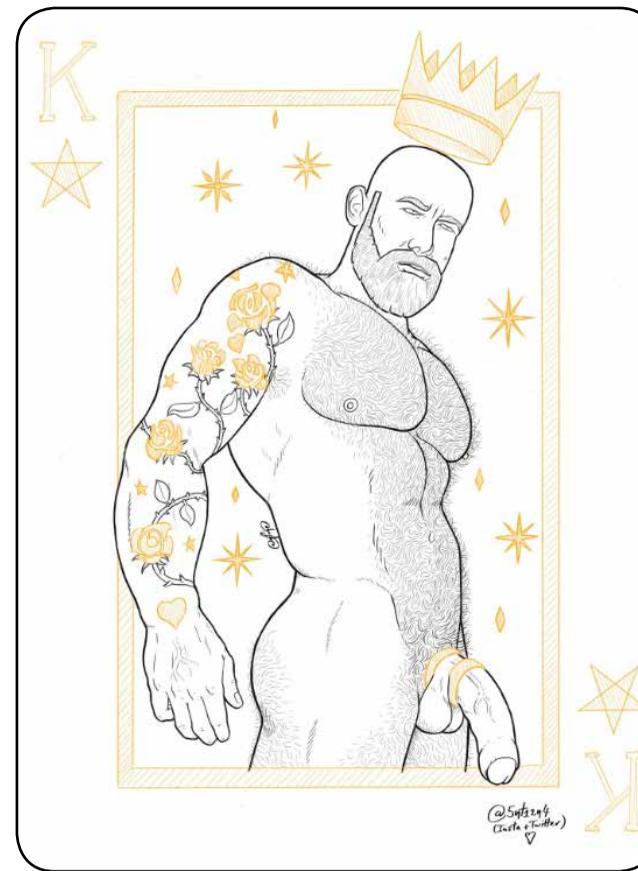
Apesar de não gostar de madeira com uma cor artificial adicionada, está experimentando cera de ouro para criar novas camadas ao seu trabalho. Isso mostra como ele continua aprendendo e buscando inovações para melhorar suas habilidades.

Desenhos para a peça Thor, do esboço aos vetores no tablet.



Cortadora a laser fazendo as peças de uma caixa, a montagem das peças de diversas madeiras e o resultado final. (2018)

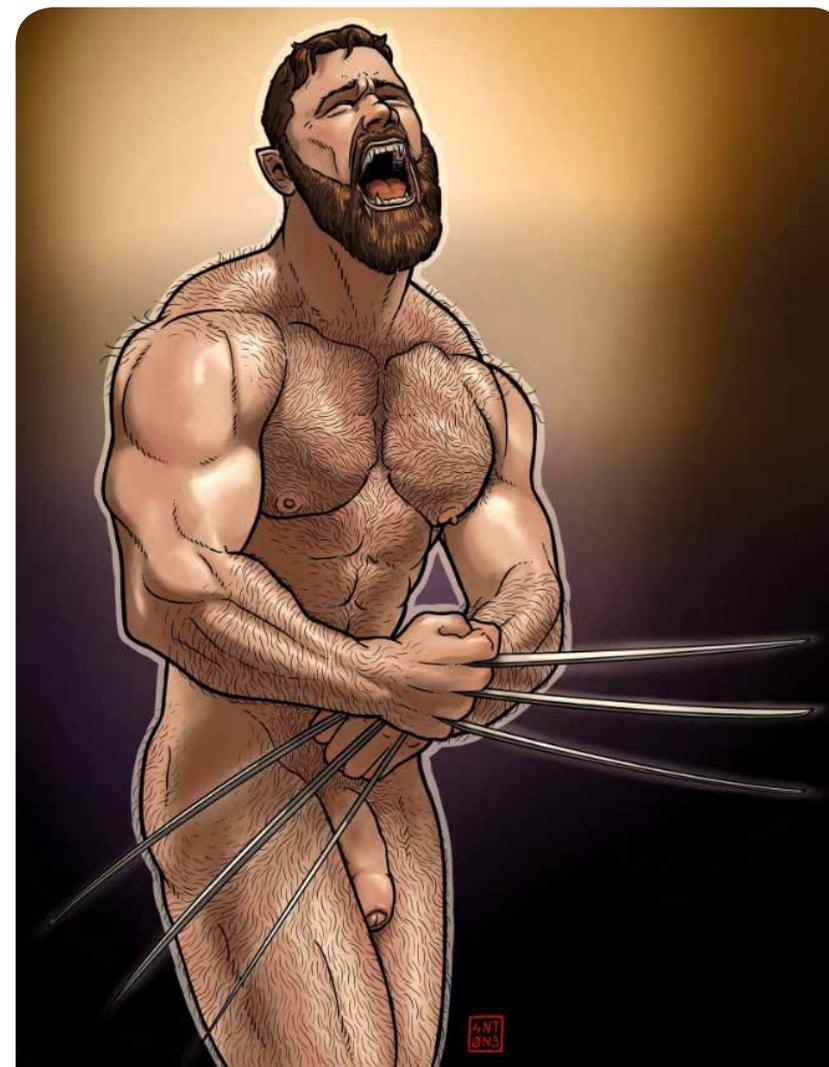




Esboço para o Rei Estrela (2019). Modelo: Jack Dixon.

Na maioria das vezes, Antoine geralmente representa homens que vê em fotografias (“sou completamente viciado no Instagram!”) ou até mesmo um cara na rua ou no metrô e se inspira nele. O rosto é a parte do corpo masculino que mais se interessa em retratar. Mas ele dedica muito tempo ao detalhamento do pênis, muitas vezes deixando-o para o fim.

Mostrar um falo não é um requisito no meu desenho. Eu costumo considerar que isso não é um problema, mas algumas pessoas tendem a discordar.



Seu objetivo é a imagem para transmitir mais do que apenas sexo e essa é uma de suas razões para não mostrar ereções, para não trazer o “fator pornográfico” para a mesa. Deixando claro que isso não é uma regra para Antoine: depende do que é descrito, a situação, etc, e uma imagem de uma ereção pode ser uma boa solução.

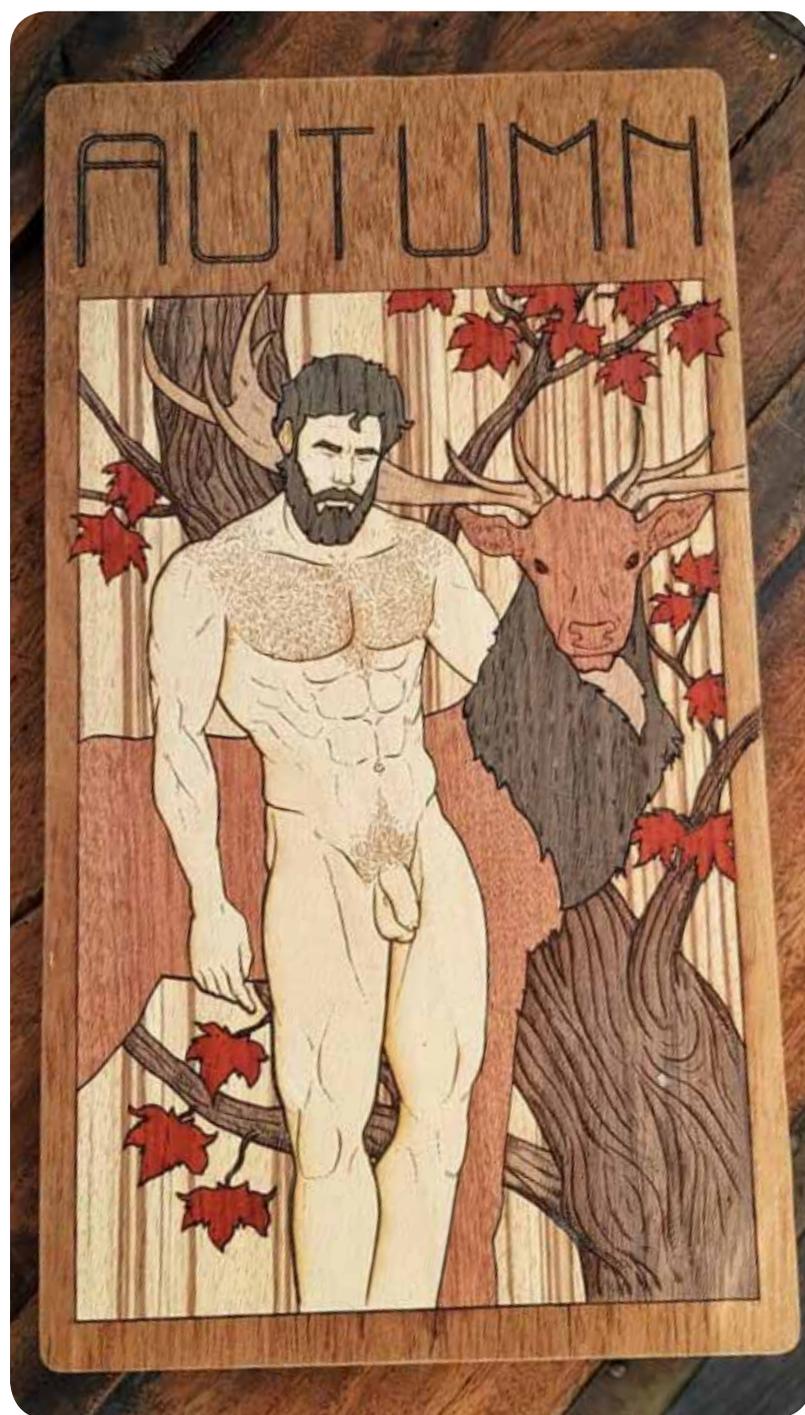
Were-verine, ilustração digital (2019). Modelo: Dave Marshall.

As redes sociais também são uma ferramenta digital para Antoine. Ele percebeu que as coisas se tornaram realmente diferentes quando começou a compartilhar seu trabalho na internet:

Eu nunca mostrei o que eu estava desenhando porque... bem, eram homens nus... Mas o Instagram, por exemplo, pode tocar mais facilmente uma comunidade de pessoas que têm o mesmo interesse que você. É tão encorajador quando você publica um desenho e as pessoas gostam dele e reagem positivamente.

42

É claro que Antoine está preocupado com a censura (a qual chama de “analfabeta e boba”) que cresce por toda a internet. Mas também acredita em ciclos e tem a esperança de que essa onda passe. É por isso que geralmente segue o lema “faça o que quiser” sem esquecer de dedicar um tempo para aprender novas técnicas e ferramentas, conhecer outros artistas e se inspirar neles. **8=D**



Outono, madeiras diversas (2018).



Corporate Identity

Branding

Prints & Advertising

Social Medias

Web

Magazines, Books &
Digital Publishing

Video Edition

Photography

Falo de História

por Filipe Chagas

Registro da performance *Exercício de me ver II*, no MAM/RJ (1982).

Hudiniilson Jr.

1957 - 2013





Hudinilson Urbano Júnior (1957-2013) foi um dos pioneiros no uso da arte xerográfica (processo de reprodução de imagens e/ou texto mediante a utilização da máquina fotocopiadora) no Brasil, mas é também considerado um artista multimídia identificado com a cultura underground, à marginalidade e à arte homoerótica. Declarou em 1984, para a revista *Interview* que “um artista, antes de tudo, tem que ser polivalente em sua mídia”.

Hudinilson iniciou seu aprendizado artístico nas sessões de filmes sobre arte exibidos no Museu Lasar Segall no início dos anos 1970, durante o período colegial. Lá realizou experiências com xilogravura e fotografia, tendo a colagem como sistema de construção: suas xilogravuras utilizavam decalques de imagens fotográficas e suas colagens de fins da década de 1970 usavam fotografias de nus apropriadas de revistas americanas – os corpos aparecem usualmente sem identidade e em relação com objetos, folhas e raízes secas, texturas.

Ingressou no colégio técnico do Instituto de Arte e Decoração (IAD) de São Paulo e, entre 1975 e 1977 cursou artes plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), onde, depois de dominar as técnicas convencionais do desenho, da pintura e da gravura, decidiu experimentar novas linguagens criadoras vindas das tecnologias avançadas de representação imagética. Explorou, então, a arte postal e a xerografia conjuntamente à repetição e à fragmentação do corpo masculino, tema recorrente em seu trabalho.

Xilogravura e colagens com materiais mistos do fim da década de 1970.

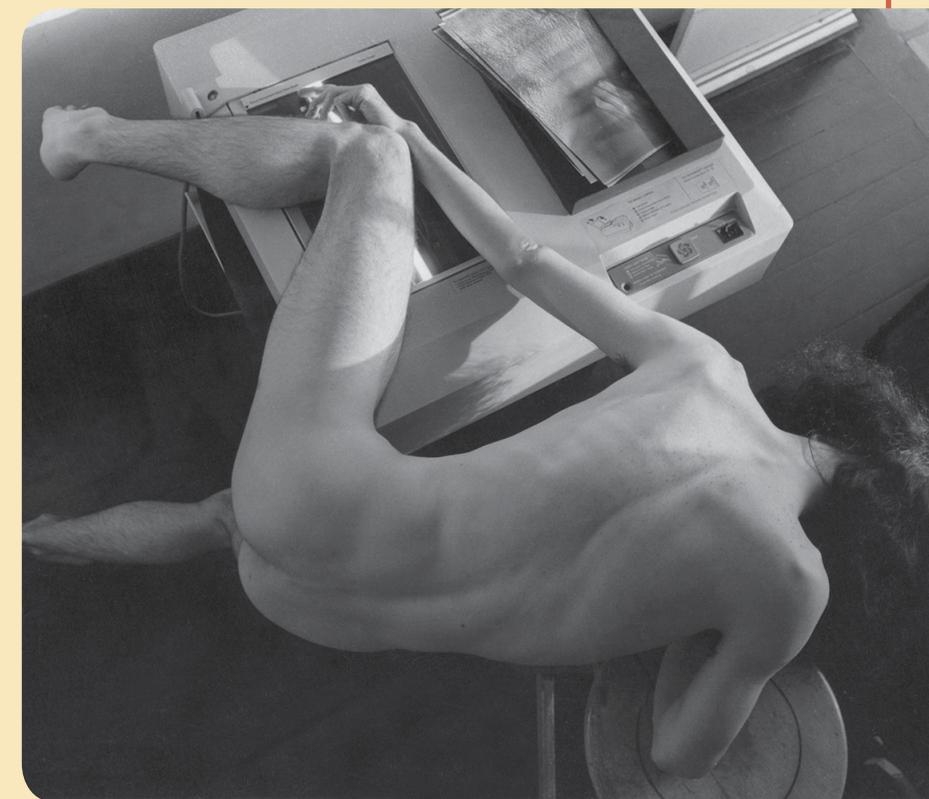


Arte postal, 1980.

De 1979 a 1982 fez parte do grupo 3Nós3, com os artistas Mário Ramiro e Rafael França, que realizava intervenções na cidade de São Paulo, como na ação *Ensacamento* (1979), onde encapuzaram monumentos do centro da cidade durante a Ditadura Militar e se tornaram uma referência da arte independente da época. Com o artista gráfico Alex Vallauri, juntou-se a um grupo de grafiteiros e, em suas primeiras experiências com grafite, a linearidade de seus desenhos integrou-se à escrita e ao stencil como instrumentos de produção de imagens. Em entrevista para o Itaú Cultural, em 2015, Mário Ramiro disse que, “embora Hudnilson não tenha entrado na era digital, ele era um grande editor de imagens”.

Em 1981 executou a série *Exercício de me ver*, que consistia na reprodução xerográfica de partes do próprio corpo ao simular um ato sexual com uma máquina copiadora, colocando-a como cocriadora da obra e a si mesmo como objeto. Trabalhando sozinho com a máquina fora do horário de expediente, sua ideia era explorar a característica da xerografia de omitir e ressaltar detalhes, convertendo-a num instrumento efêmero de especulação e abstração formal. Certa vez, em entrevista para a Folha de São Paulo, declarou:

Eu tenho as coisas catalogadas na minha cabeça, de repente vou pensando nas suas utilizações (...). A colagem é rápida mas bem cuidada; o efêmero fica por conta do lixo da rua, virando luxo da arte. O xerox é mais louco, às vezes corre mais que eu mesmo, dando resultados incríveis. Creio que daqui para frente vou começar a integrar as duas coisas, é meu caminho natural.



Registros da performance *Exercício de me ver II*, no MAM/RJ (1982).

o CORPO sempre como princípio collage, mail art, fotografia,

XEROX

O CORPO XEROCADO

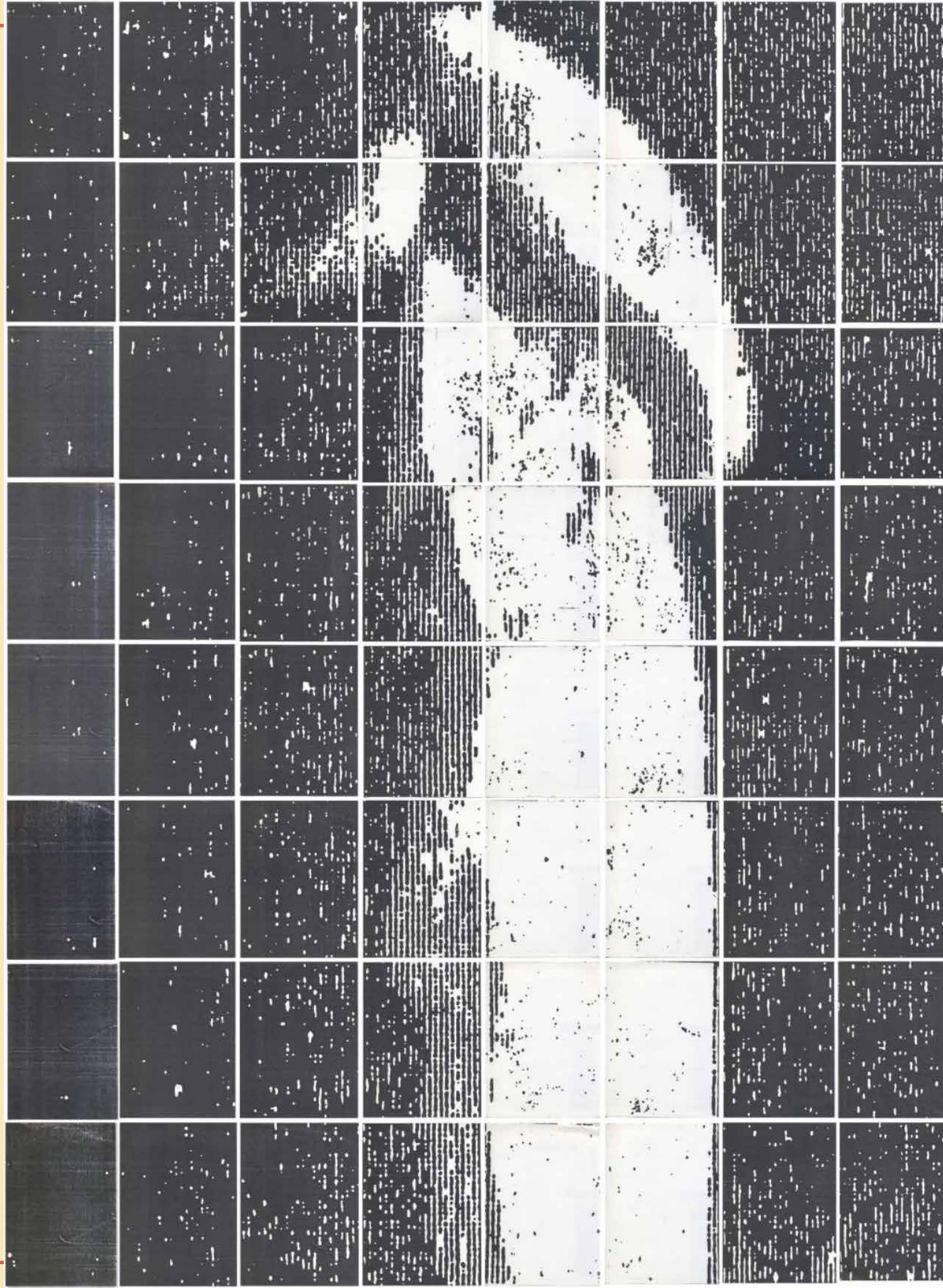
– utilizar o CORPO como matriz, a partir da criação de uma relação especial de trabalhar no contato físico entre ideia e o processo mecânico; debruçando-me e deitando-me por inteiro sobre o visor da XEROX, compondo assim formas/texturas. o XEROX recria o CORPO de maneira própria, destruindo detalhes e valorizando outros, resultando imagens que se aproximam da abstração, num exercício de leitura/visão.

– o CORPO (meu/masculino) contido no espaço de uma cópia XEROX, transforma-se em módulo que se justapõe ou sobrepõe numa sequência.

– a experimentação contínua dos valores oferecidos pelo processo XEROGRÁFICO, definirão os valores individuais de cada proposta. entender os limites impostos pela máquina e ampliar seus recursos, dominar estes limites, invertendo assim as relações, fazendo com que a máquina seja veículo e co-autora deste trabalho.

OU AINDA

Falo gigante, xerografias, 1980.



O CORPO sempre como princípio collage, mail art, xerox,

FOTOGRAFIA

O CORPO FOTOGRAFADO

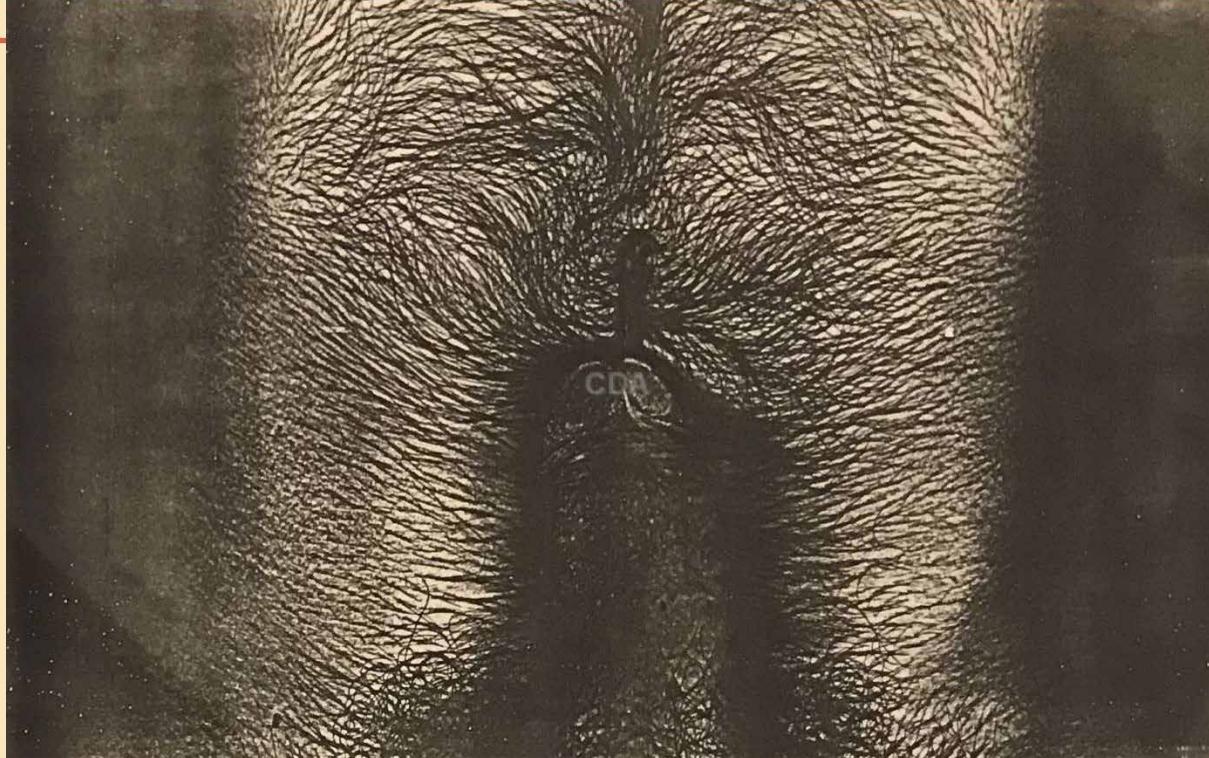
– a transposição da mídia, utilizando sempre a mesma matriz, o CORPO (meu/masculino), esgotando cada vez mais o assunto.

– a(s) diferença(s) particular(es) de cada máquina; a textura e a diagramação própria do mídia xerográfico em contraposição à imagem da FOTOGRAFIA.

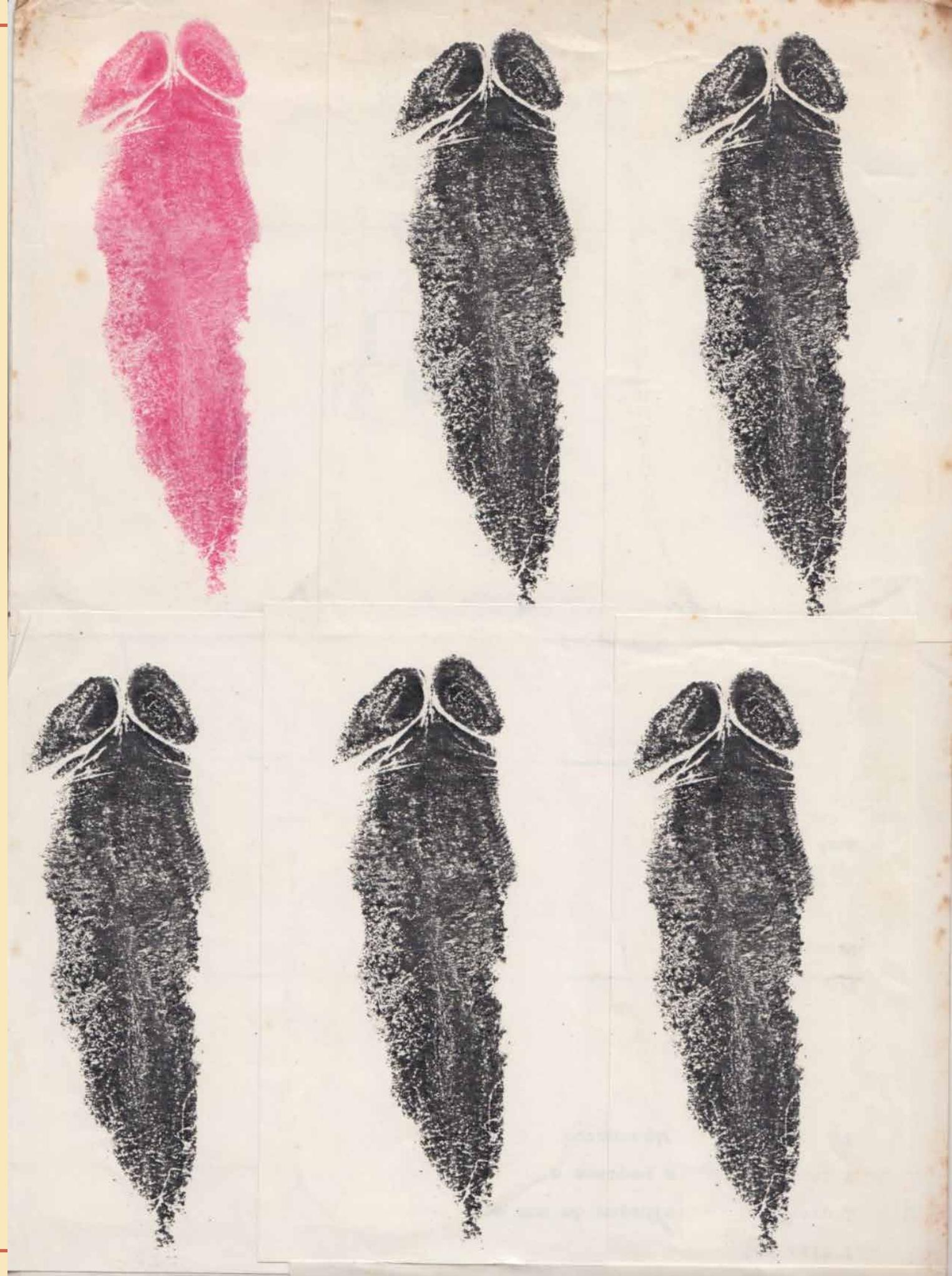
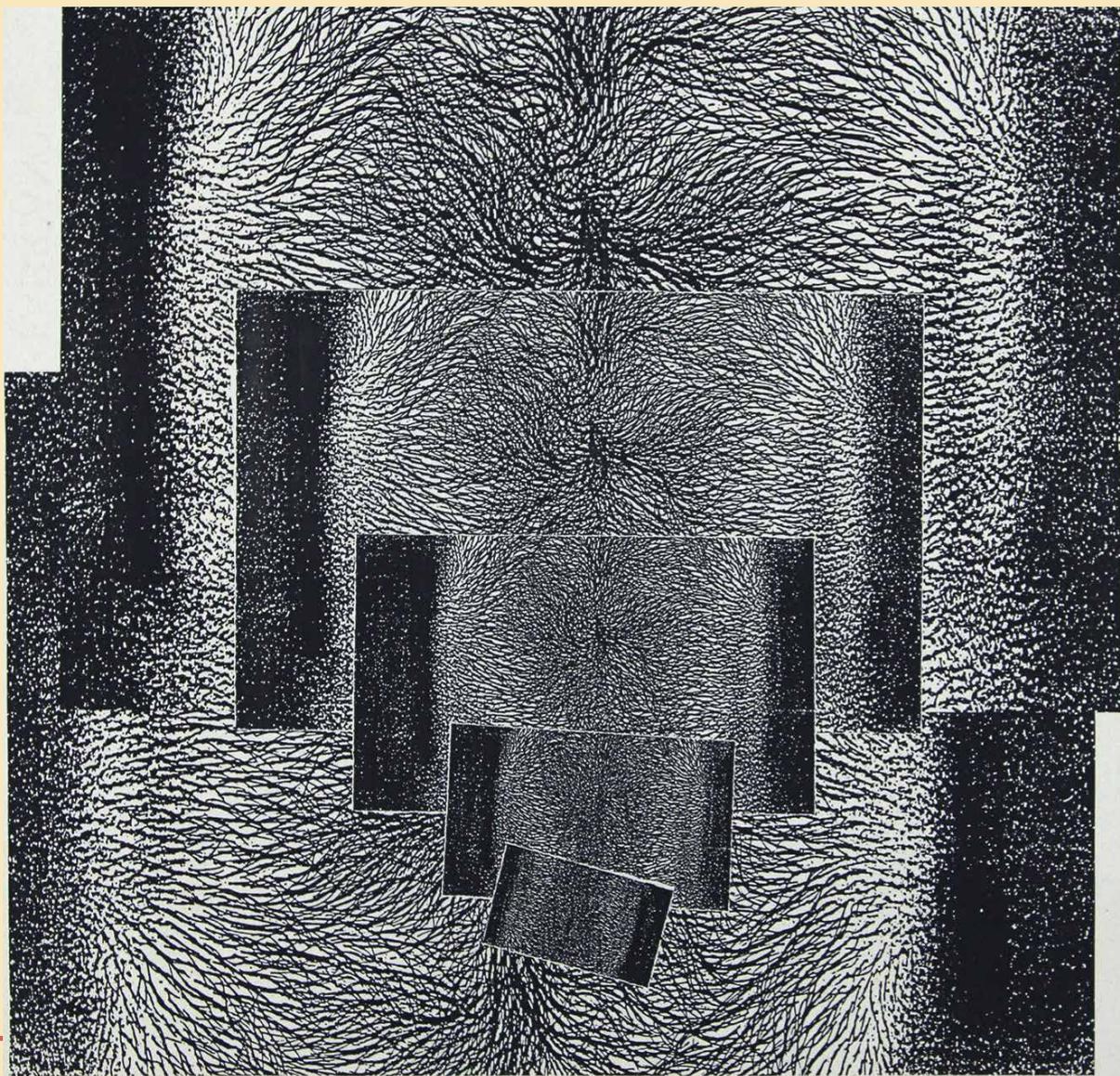
– o CORPO contido no espaço de cada fotograma, focalizado no visor de uma máquina comum e sem a apropriação de maiores recursos/efeitos especiais, transforma-se em módulo que se justapõe ou sobrepõe numa sequência.

– o retrato é auto-retrato; me FOTOGRAFAR procurando-me através do visor, não utilizando de outros recursos, tais como espelhos; me procurar, me enquadrar e “bater” a chapa; até onde meu olho, através desse visor mecânico, consegue me ver; me fragmentar, dividir as partes do corpo, divisão esta ainda em contraponto com a forma de divisão da xerografia, e ainda, depois da foto, copia-la pela xerox, e assim contrapor as diferentes cópias; meu CORPO transmutado.

Hudinilson Jr., 1981, São Paulo.



Xerografias da série *Exercícios de me ver I*, 1981.



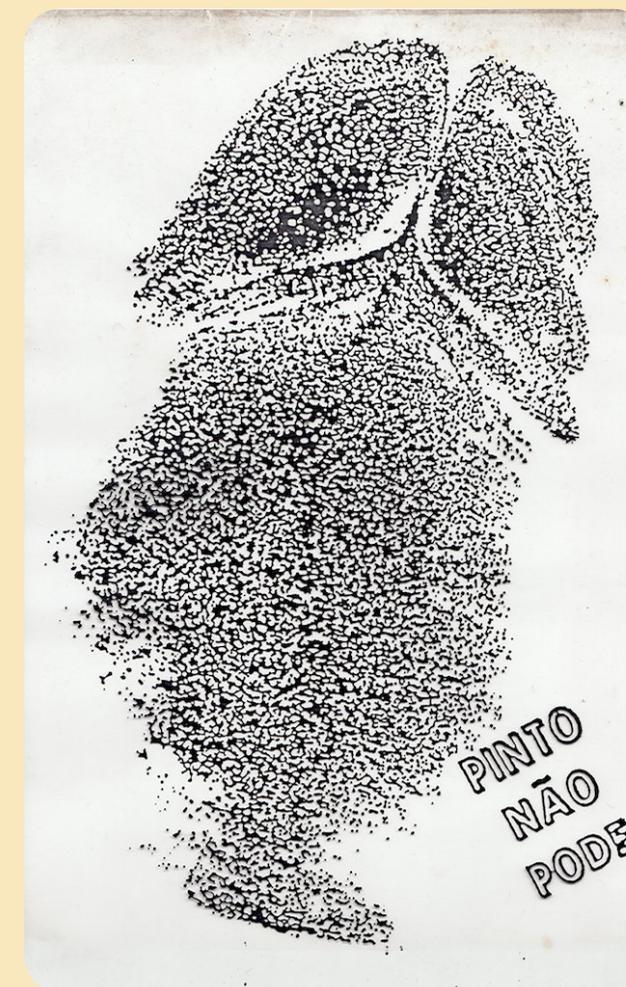
Posição amorosa e *Zona de tensão* são outros dois trabalhos com uma preocupação estética que pretendiam destituir o mero apelo erótico. São registros do encontro da humanidade com a tecnologia, do real com o virtual. Portanto, o impacto visual de suas múltiplas interpretações gráficas do corpo humano questionam a equação obra original vs. cópia. Para Hudinilson cada cópia novamente xerocada se modificava lentamente, transformando-se em novas imagens.

Entre 1982 e 1984, executou a performance *Exercício de me ver II* (1982), com a máquina xerográfica no Museu de Arte Moderna (MAM/RJ), e realizou a individual *Xerox Action* (1983) no Museu de Arte Contemporânea (MAC/USP). Para o evento *Arte nas Ruas*, realizado no mesmo ano, Hudinilson preparou um outdoor que era um detalhe de seu corpo xerocado e ampliado em proporções gigantescas. Aracy Amaral, curadora da mostra, exigiu que fosse coberta com uma tarja vermelha, o que despertou ainda mais a atenção de quem passava. O fato ganhou destaque na revista *Isto É*, que o classificou como um artista polêmico. Hudinilson declinou deste título, pois para ele “o artista é solitário e solidário”.

Em *Narcisse/Estudo para autorretrato* (1984), passou a investigar sua própria identidade visual através da xerografia e de raios-x. Exímio arquivista e metódico ao extremo, em seus *Cadernos de Referências* (são mais de 100), a figura de Narciso se desdobrava com a exposição obsessiva e analítica do nu masculino. No mesmo ano participou da 1ª Bienal de Havana e foi curador da exposição *Arte Xerox Brasil*, na Pinacoteca.

Apesar de ter participado da 18ª Bienal de São Paulo em 1985, a produção do artista se manteve discreta na década de 1990. Em abril de 1987, uma crítica no jornal Estado de São Paulo (*O banquete do eu*, da jornalista Leonor Amarante) parecia anteciper o futuro do artista ao descrever seu trabalho:

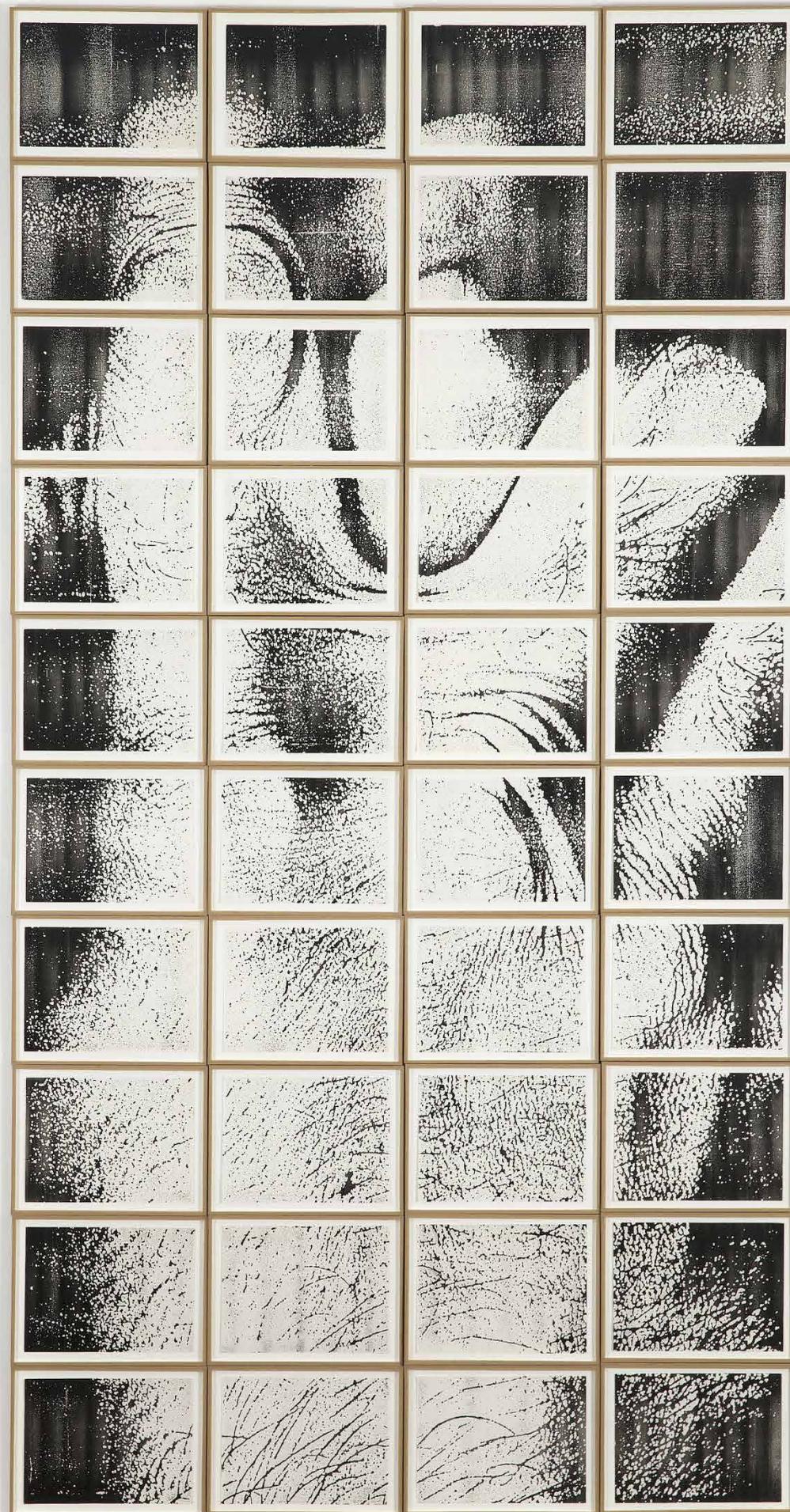
Falo, colagem xerográfica da série *Posição amorosa*, 1981.



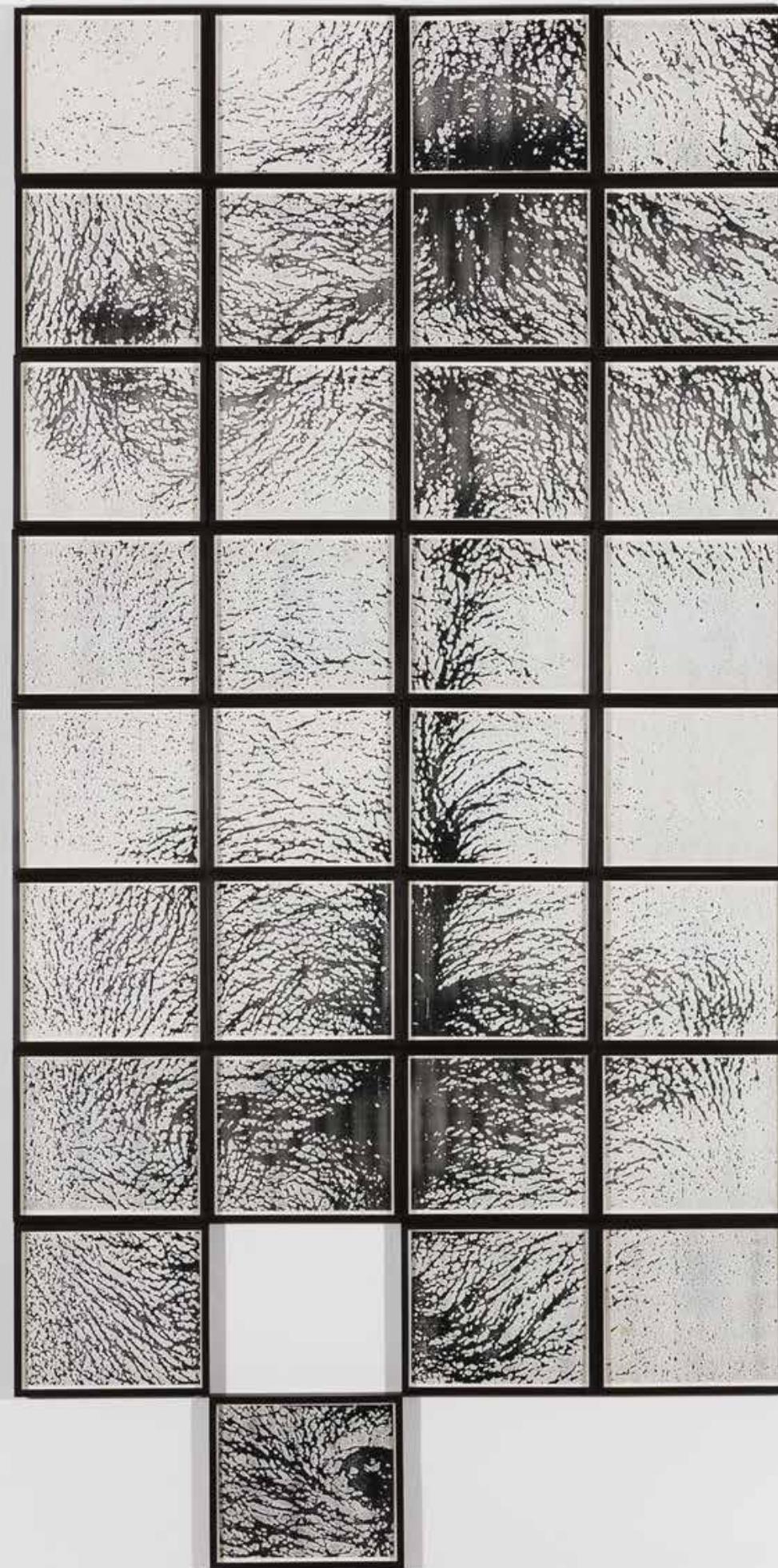
Campanha *Pinto não pode*, xerografia, 1980.



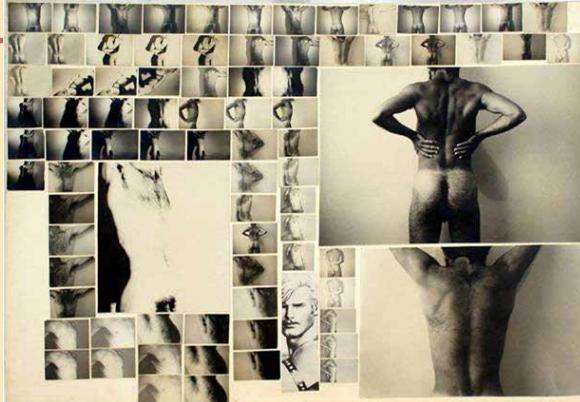
Outdoor para o *Arte nas ruas*, 1983.



Narciso, xerografias, 1986.



Enquanto o mundo está preocupado com o neo-pós-tudo, Hudinilson Jr. se copia. Com olhos de Narciso ele se debruça sobre a máquina de xerox e registra as partes de seu corpo. Num ato sensual, separa tronco, pernas, braços, sexo, para depois, num ato único, juntá-los ou trabalhar cada parte sobre um suporte que pode ser colagem, objeto, grafite ou mesmo xerox. (...) Hudinilson iniciou a busca de si mesmo, na projeção do outro (...) Como uma criança que descobre o prazer de brincar com o espelho que lhe devolve a própria imagem, Hudinilson Jr. joga com as imagens tendo Narciso como pulsação central. (...) Dark, muito antes de ser deflagrado o movimento no Brasil, ele sempre se manteve paralelo ao circuito. Uma imposição sustentada em nome não se sabe de quê. Talvez, ainda continue pertencendo à matilha de um Robert Malaval, o irreverente artista francês, que só depois da morte trágica em 80, teve aberta a porta do MAM de Paris. Ou de um Klaus Schwarz, um transexual berlinense, autor das melhores performances alemãs atuais, mas que só consegue exibi-las em bares underground”.



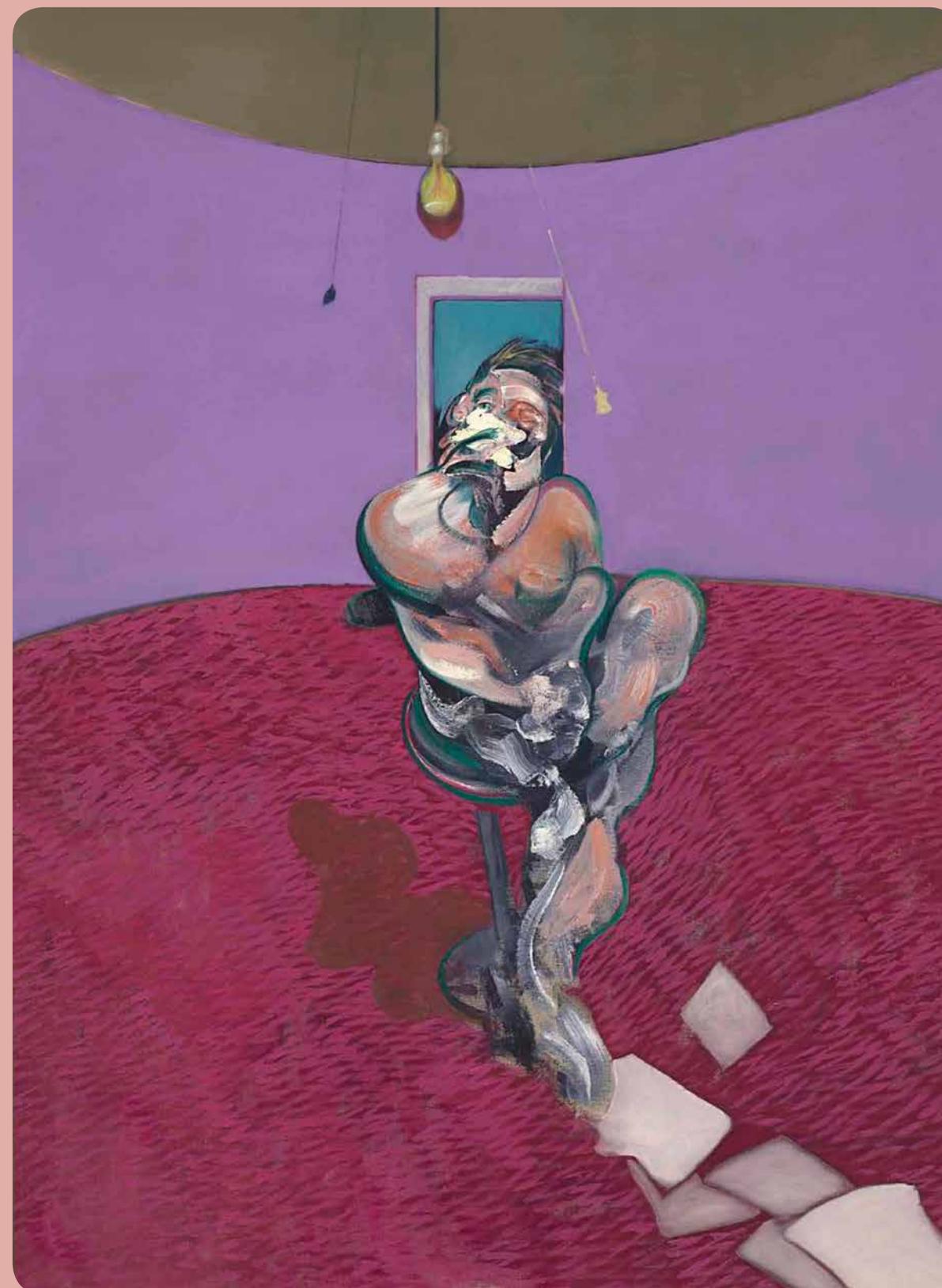
58

No início dos anos 2000 expôs pela primeira vez na Europa, mas nunca saiu do país. Em 2013 sua mãe o encontrou morto em seu apartamento com a saúde debilitada pelo álcool. A galerista Jacqueline Martins disse para a revista Select, por ocasião da morte do artista, que ele foi genuinamente marginal:

Tudo nele é verdade, suas crises, seu temperamento, uma produção inteira sem truques, sem modismos, não abriu concessões e pagou por todas as suas escolhas.

Hudinilson passou a vida como “artista maldito”, vivendo de favores e buscando legitimação das instituições de Arte. No entanto, depois de morto, suas obras quintuplicaram de valor e ficaram envolvidas em disputas de acervo: em 2012 vendeu apenas duas obras em uma galeria, enquanto em 2014 foi realizada uma grande exposição na Escócia. Hoje a obra de Hudinilson tem sido redescoberta em tempos de selfies desenfreadas, culto ao corpo e estudos de gênero. **8=D**

Colagem de contatos fotográficos e página de um de seus cadernos de referências.



Retrato de George Dyer falando, óleo sobre tela de Francis Bacon, 1966.

Espelho, espelho meu...

por Flúpe Chagas



Sim, queimei o pinto...

Nada mais egocêntrico (e leonino) do que uma sessão especial sobre mim, certo? Bom, a revista é minha e posso fazer o que quiser, mas o buraco é mais embaixo... mesmo!

Se você leu meu depoimento na quarta edição, sabe o quão difícil é me expôr dessa forma. *Transtorno dismórfico corporal* * desenvolvido por anos de bullying é algo limitante, um desafio diário que precisava de um movimento maior desde que comecei a produzir a FALO. Eu até apareci aqui em quatro ocasiões: duas vezes na sessão *moNUmento* (primeira e terceira edições), na matéria sobre imagem corporal (quarta edição) e no manifesto político e fotográfico do Chris The Red (quinta edição). Todas essas “aparições” me levaram a esse momento, que – pensando bem – foi concebido ao mesmo tempo que a revista.

Em janeiro de 2018, sozinho numa pequena praia deserta e rochosa de Búzios (RJ), tirei a sunga e deixei o temporizador do celular ser a minha coragem (o resultado está aí ao lado).

A revista nasceu, criou corpo e comecei a ser questionado: “como o editor dessa revista tem vergonha do próprio corpo?”. Realmente um paradoxo já que a revista é também um processo de catarse terapêutica para muitos (inclusive para mim). Então, resolvi dar mais um passo: a partir dessa foto, fui convidando os artistas que participaram da revista a interpretá-la de acordo com suas técnicas individuais. Era um convite livre, sem pretensões, porém, cheio de receios. Agora deixei a arte em si ser a minha coragem.

E não me arrependo. Ver meu corpo se transformar em arte foi um divisor de águas, uma invasão de emoções conflitantes. Vulnerabilidade, choque, êxtase, alegria... todas em prol de reduzir transtornos e me elevar à condição das normalidades humanas. Fui visto com outros olhos, olhos de arte, e passei a me ver de outra forma, o que me levou a um ensaio nu.

Não, não estou 100% *body positive**. Só sei que estou caminhando para um lugar de valorização pessoal, de amor próprio, de ser a minha melhor versão para mim.

Poderia guardar tudo isso, mas percebi que compartilhar seria potencializar minha capacidade (e da revista) de ajudar. E foi com medo mesmo – pensando até agora nas consequências – que resolvi aparecer nesse especial, no qual FALO para todo mundo: esse sou eu. **8=D**

* Leia a sessão *Especial* nesta edição, logo após a minha *Falorragia*.

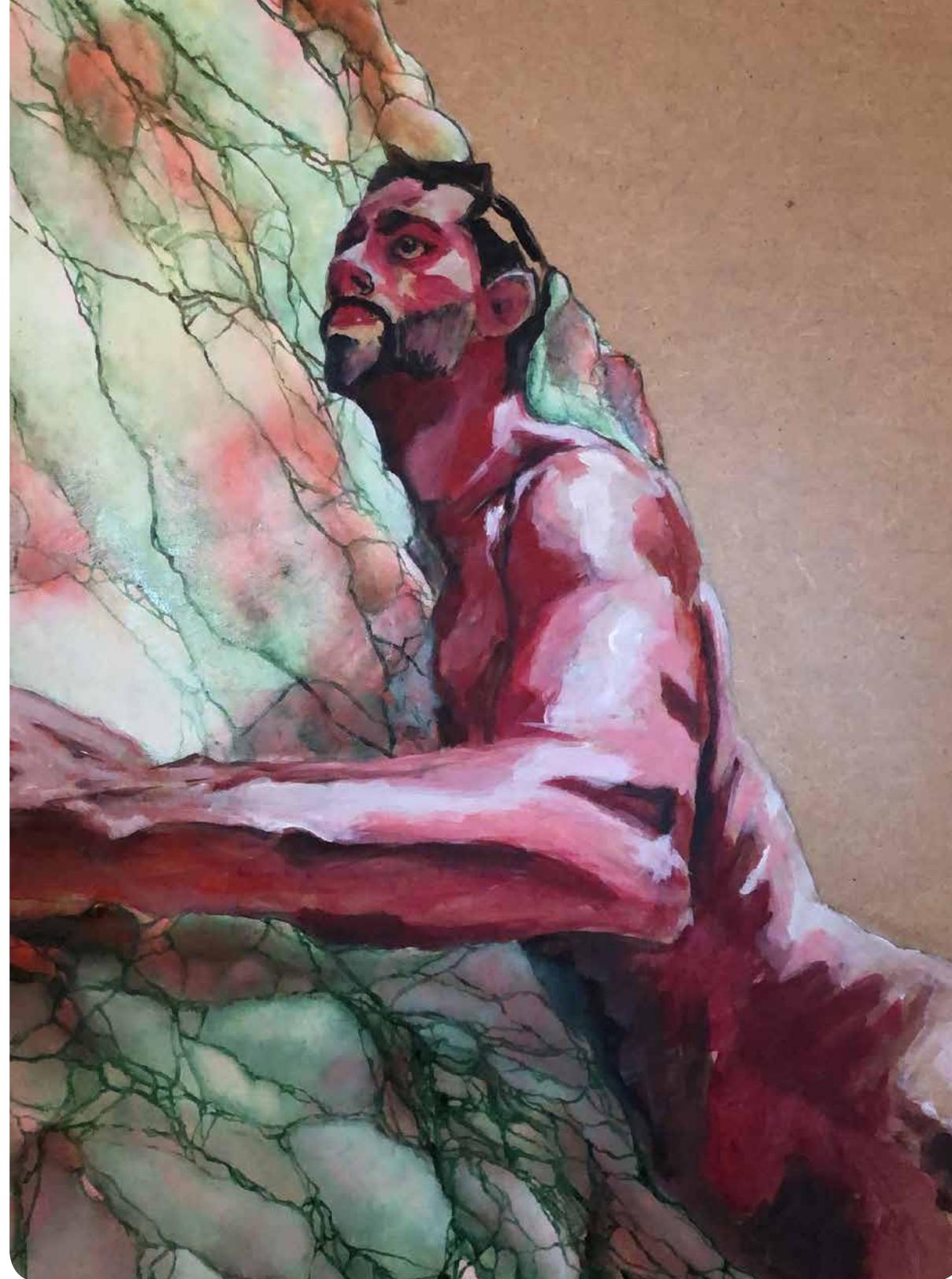


Wim Adriaenssens foi o primeiro artista que acreditou na revista quando ela não era nada, apenas uma ideia, um monte de e-mails disparados a esmo... Não à toa, ele é a capa da primeira edição.

Pedir para um artista usar você como modelo sem pagar é quase uma ofensa e, na verdade, o oposto do que prego. Só isso já seria o suficiente para

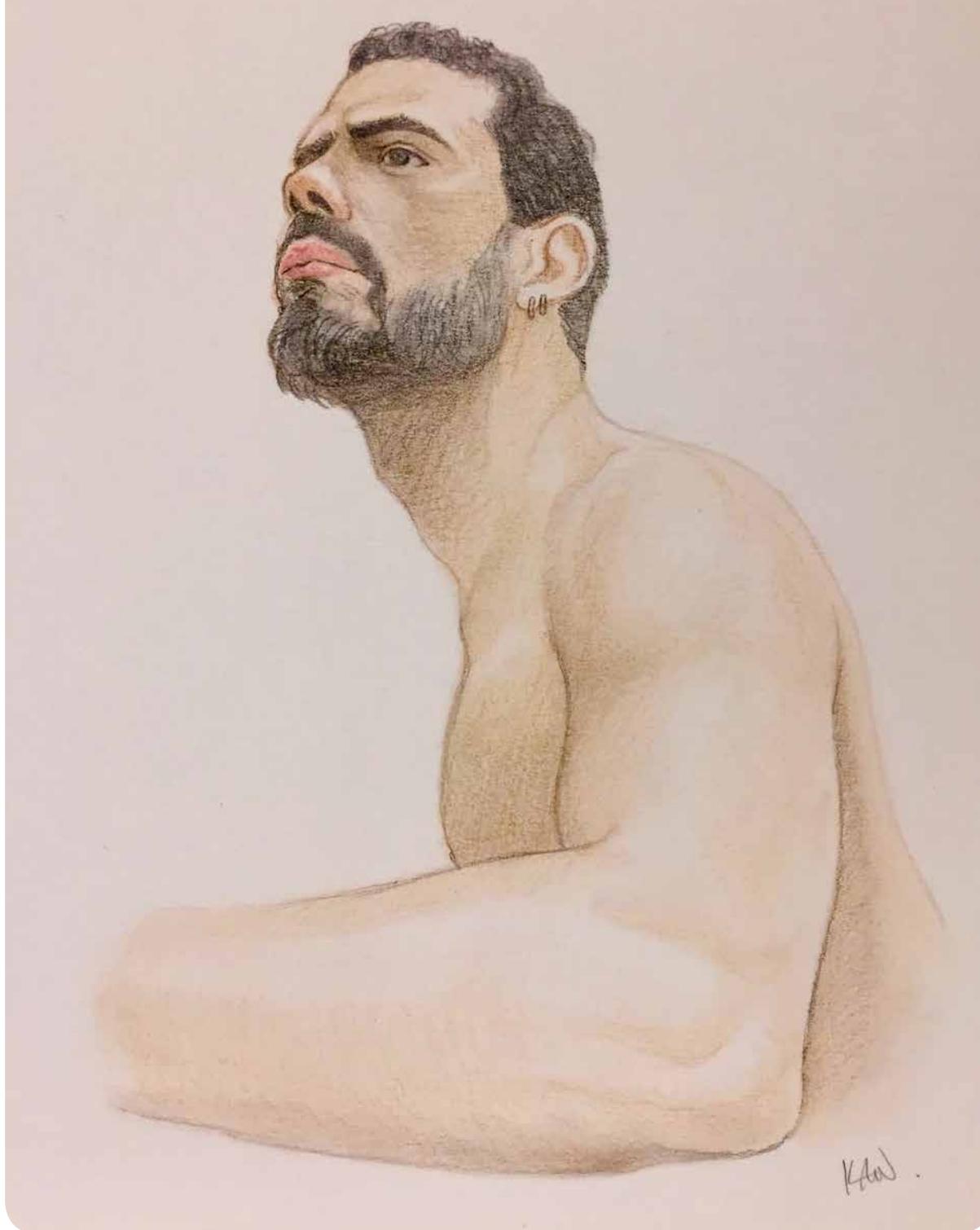
colocar o projeto na gaveta. Porém, segui a máxima “o não você já tem” e resolvi explicar o projeto (e consequentemente minha situação) para ele. Wim nem piscou: aceitou na hora! Novamente ele acreditou em mim.

Quando me mostrou o resultado, perdi o ar: eu havia me tornado arte! São muitas razões para uma gratidão eterna. **8=D**



Lembro que **Thierry Jochum** ficou meio incrédulo quando comecei a curtir suas pinturas. Em nossas primeiras conversas, percebi que ele ainda estava trabalhando sua confiança como artista e daí a razão de sua surpresa com meu pedido: como alguém que está pesquisando arte poderia gostar do que ele faz?

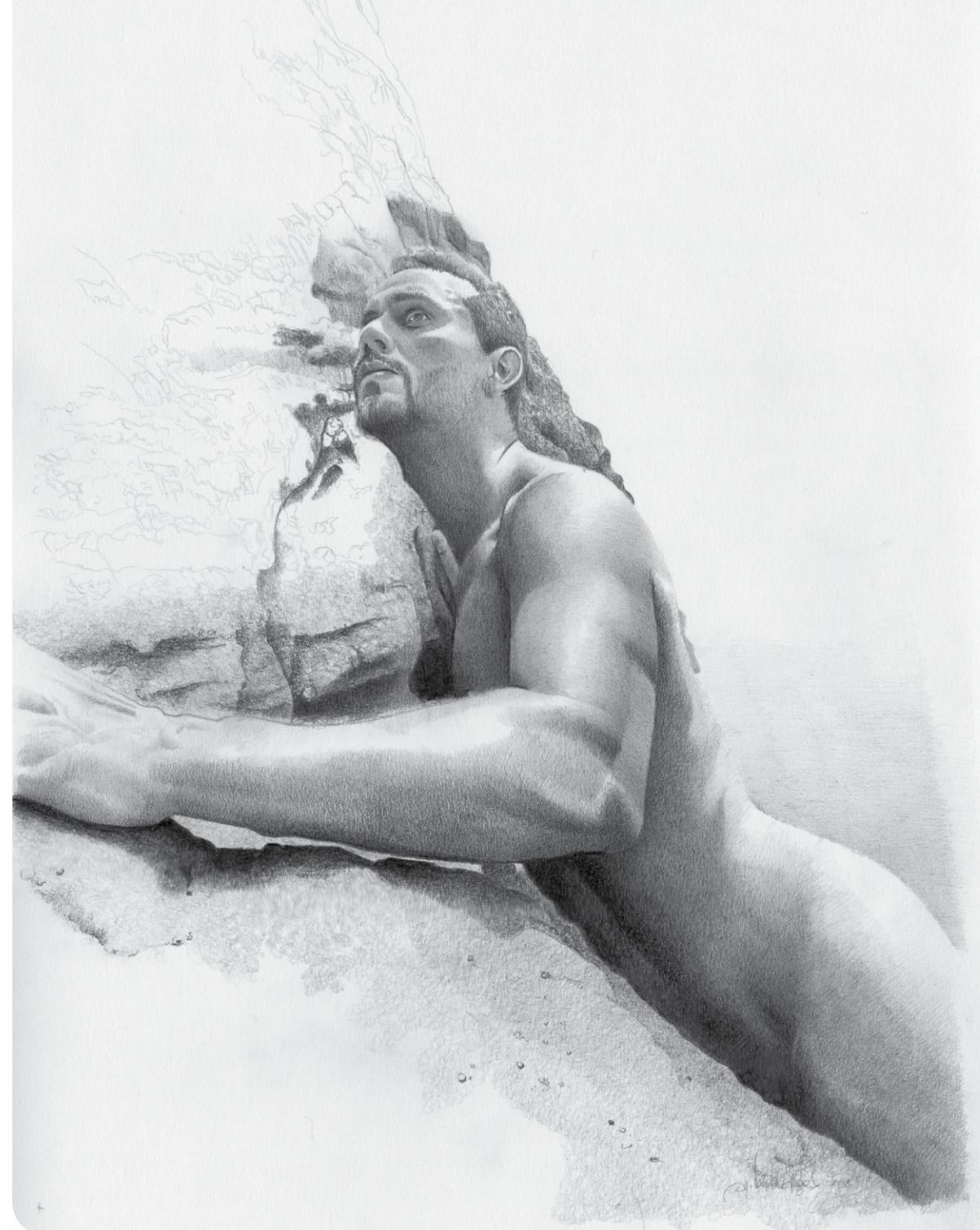
Depois de alguns meses, recebi o presente de Natal que você vê nessa página. Thierry demorou para terminar a obra porque resolveu testar o efeito marmorizado na pedra e só ficou feliz quando conseguiu. E eu fiquei ainda mais feliz! **8=D**



Kinder Au-Williams chamou minha atenção no *Instagram* por conseguir burlar as regras censoras com seus desenhos de falos extremamente realistas! Com uma simples “capa swipe” (ou seja, a foto principal é um aviso para você ver a próxima foto), o artista expunha sua minuciosa obra. Depois vim descobrir que ele não focava somente no membro em

si, mas em todo o corpo masculino, fazendo desenhos lúdicos, porém, sofisticados em sua compreensão.

Sempre muito educado, Kinder estava no meio de seu novo projeto (*MenOnPaper Art*), mas topou participar ao saber minhas razões. Kinder me surpreendeu com um resultado belíssimo que adicionou camadas de expressão à foto original. **8=D**

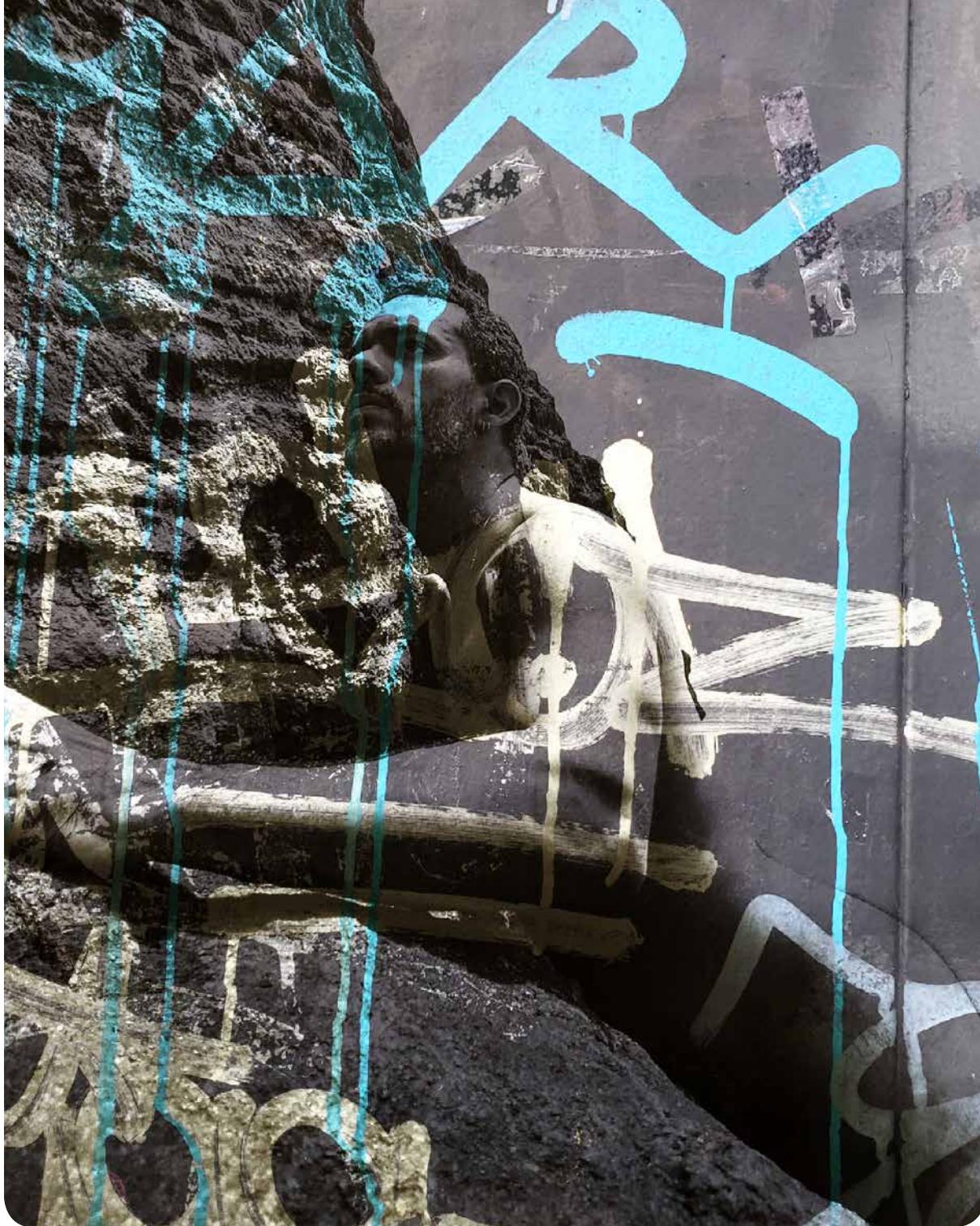


Impossível não ficar impressionado com o realismo dos desenhos à grafite de **David J. Vanderpool**. Os algoritmos do *Facebook/Instagram* ficam loucos e vivem bloqueando, censurando ou deletando suas obras mais contundentes (digo, com nudez masculina).

Comecei a acompanhar seu trabalho num momento que ele estava sentindo o peso de não conseguir modelos interessados em sua arte. Disse que até

mesmo seus amigos e amigas mais próximos se incomodavam porque ele fazia nus. Aproveitei para apresentar o meu projeto e ele aceitou prontamente.

David costuma postar seu processo nas redes sociais. Cada postagem do meu desenho me deixava de queixo caído (ainda é possível ver o processo no site ou no *Facebook*). O resultado final me encheu de lágrimas. **8=D**



Assim que fechamos o artigo para a sexta edição, **Thiago Prado** achou que a melhor forma de agradecimento seria produzir uma nova obra. Claro que não perdi tempo e contei desse projeto pra ele. Sem nem ver a foto, ele já tinha topado.

Envolvido com sua série *Trash and Confessions* – na qual cria imagens abstratas a partir de um mix de lixo cibernético e fotografias de pichações –, o resultado

trouxe uma fusão dos limites entre indivíduo, pedra e pichações. Uma imagem feita na natureza ganhou ares urbanos, quase um lambe-lambe que passou por uma intervenção estética vinda das ruas. **8=D**



Tristor Blue costuma fazer seus desenhos ao vivo em vídeos no *Instagram*. Eu ficava hipnotizado em como as cores se sobrepunham em formas que iam ganhando sentido. Ele começou a oferecer a seus seguidores desenhos ao vivo, mas eu nunca conseguia chegar na hora certa para me candidatar. Quando o convidei para participar da revista, já tinha esse projeto em mente, portanto, não exitei em contar. Ele aceitou, porém, não imaginava que ele ia “me fazer” ao vivo.

Olha... tem sido emocionante receber o resultado desses artistas incríveis, mas ver a sua própria transformação em arte é indescritível. Cada traço, cada gesto me (re)construindo... e eu perguntei porque ele estava desenhando a pedra como se fossem chamas. A resposta foi: “É a paixão pela arte saindo de dentro de você”.

E... estou chorando novamente. **8=D**



Em uma *live* da revista no *Instagram*, conheci **Caru Leão**, uma fotógrafa que perdeu o emprego por conta de seu trabalho com nu artístico. Fiquei indignado e, ao mesmo tempo, preocupado, pois enxergava a situação dela como algo que poderia acontecer comigo. Caru também falou que muitos amigos a escolhiam para fazer o primeiro ensaio nu e, por isso, acabou criando o projeto *Desnud+*s. Ela me convidou várias vezes e fui recusando... até que... Aproveitei uma ida a São Paulo para fazer, usando o próprio quarto de hotel como locação. Seria nosso primeiro encontro ao vivo, mas de tanto papo online a gente já era íntimo. Tirar a roupa foi como um band-aid que a gente precisa arrancar logo: vai arder rapidinho e depois vai sarar.

Mas também não pense que foi fácil fazer, assim como ainda não é fácil para mim ver o resultado. Escolhi as fotos que representam essa experiência como um todo: as aparentemente relaxadas e descontraídas, e aquelas que me colocam de frente ao meu maior inimigo: o espelho. Não poderia ter escolhido melhor fotógrafa para encarar comigo esse desafio. **8=D**





ESPECIAL

Relação conturbada

por Filipe Chagas

Todo mundo tem alguma coisa que queria mudar em sua aparência. Na verdade... 1/3 da população mundial quer. É quase como uma insatisfação natural, intrínseca à humanidade. Insatisfações com o peso e a gordura podem levar alguém a fazer dietas ou procurar uma lipoaspiração, por exemplo, mas, quando isso passa a ser uma obsessão, pode se tornar um transtorno alimentar, como a Anorexia ou a Bulimia.

Pele e cabelo são áreas do corpo bem comuns de passar por tratamentos estéticos simples, como cremes, limpezas, tinturas etc. Porém, quando se passa a arrancar o cabelo, coçar sem parar até ferir, bronzear em excesso ou, até mesmo, comprar roupas compulsivamente para esconder o corpo, é um sinal de sofrimento físico e psíquico. E isso tem um nome: **Transtorno Dismórfico Corporal (TDC)** ou *Síndrome de Distorção da Imagem* ou ainda *Complexo de Quasímodo*. A Organização Mundial de Saúde diz:

A característica essencial deste transtorno é uma preocupação persistente com a presença eventual de um ou de vários transtornos somáticos graves e progressivos. Os pacientes manifestam queixas somáticas persistentes ou uma preocupação duradoura com a sua imagem corporal. Sensações e sinais físicos normais ou triviais são frequentemente interpretados pelo sujeito como anormais ou perturbadores. A atenção do sujeito se concentra em geral em um ou dois órgãos ou sistemas. Existem frequentemente depressão e ansiedade importantes, e que podem justificar um diagnóstico suplementar.



A escultura *Bronskvinnorna* (As mulheres de bronze, 2006), de Marianne Lindberg de Geer, em Växjö, Suécia, mostra duas mulheres – uma anoréxica e uma obesa –, uma de frente para a outra, para representar a obsessão moderna com a aparência. Ambas as estátuas já foram vandalizadas e restauradas. Toda a controvérsia na cidade ao redor delas tornaram-nas atração turística.



Define-se que imagem corporal é uma construção multidimensional proveniente das experiências e sensações vividas por um indivíduo criando um autorreferencial corpóreo. Está ligada à organização social e às exigências culturais que refletem na figuração do próprio corpo que se estrutura na mente das pessoas.

TDC, então, é um transtorno psiquiátrico caracterizado por um prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo a partir de uma constante preocupação quanto a um defeito imaginário ou mínimo em sua imagem corporal, que afeta a autoestima, criando uma intensa insegurança com a autoimagem. Qualquer parte do corpo pode ser objeto dessa preocupação.

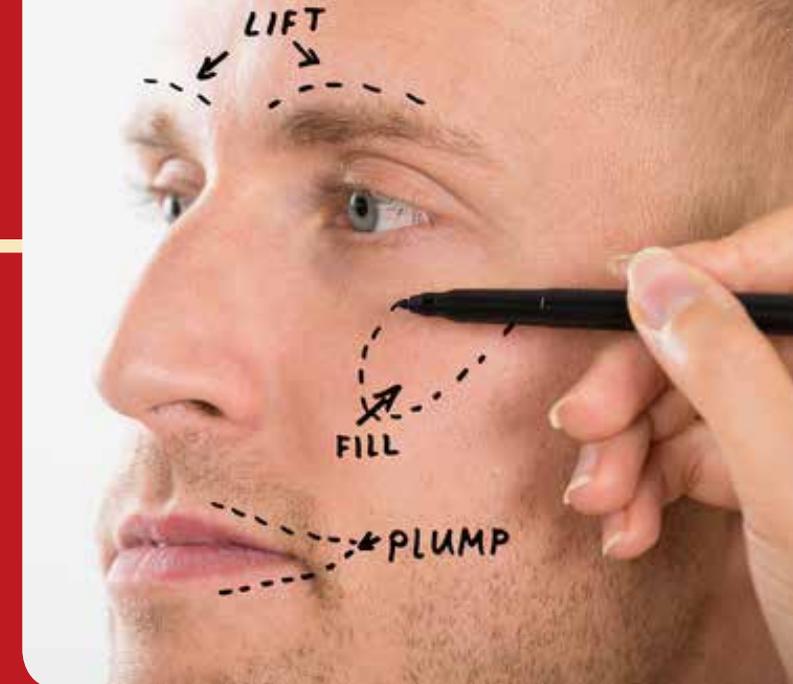
Os indivíduos acreditam ser feios, sem atrativos ou “com defeitos” em alguma parte do corpo que os fazem se sentir anormais ou deformados, mesmo que não seja algo observável ou mesmo discreto para outras pessoas. Curiosamente, alguns pacientes têm foco em partes do corpo que geralmente estão escondidas: os lábios vaginais para a mulher e o pênis para o homem, por exemplo. A assimetria natural é também objeto de apreensão.

Reconhecido em 1886 por Enrico Morselli, um psiquiatra italiano, o TDC foi chamado de *Dismorfofobia* ou *Dismorfia Corporal*. Em 1987, com a revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*), o termo “dismorfofobia”

foi considerado inadequado, pois não existia uma evitação fóbica verdadeira, já que não é possível se afastar do objeto da fobia (a si mesmo). Em 2013, a última revisão do *Manual*, passou a categoria de “transtorno obsessivo-compulsivo” pela existência tanto de pensamentos obsessivos a respeito de supostos defeitos quanto comportamentos compulsivos que se desenvolvem em resposta a esses pensamentos, como, por exemplo, verificar-se repetidamente no espelho (ou evitá-lo), arrumar-se ou maquiar-se excessivamente, beliscar a pele para buscar tranquilização, comparar-se com outros constantemente, realizar múltiplos procedimentos estéticos cirúrgicos etc.

Aliás, sob a perspectiva do cirurgião plástico, o TDC pode se tornar um grande problema se não for diagnosticado, uma vez que muitos buscam as intervenções estéticas ao invés do tratamento psicológico. Além de processos judiciais por insatisfação, existem relatos de violência contra o médico (incluindo assassinato). Durante a anamnese, deve-se ter extrema atenção ao histórico de intervenções excessivas (com resultados que deformam ou sem resultados significativos) e à identificação com celebridades (ou bonecas), investigando o grau de incômodo corporal.

Como ainda não há um protocolo de identificação que diferencie uma insatisfação pessoal natural de uma situação patológica – somente em 1976 foi feita uma referência a esse transtorno em um artigo científico publicado na Revista Brasileira de Cirurgia Plástica por Ivo Pitanguy (et al.) – o médico pode buscar um histórico médico e até mesmo entrar em contato com cirurgiões



que realizaram atendimentos prévios. É preciso que o profissional deixe bem claro que o resultado final da cirurgia poderá não ser exatamente o esperado em virtude de questões biológicas ou outras intercorrências. Por isso, aconselha-se a assinatura de um Termo de Ciência e Responsabilidade.

O TDC torna-se delirante quando o indivíduo tem a completa convicção de que sua ideia distorcida de aparência é a real. Esses casos devem ser tratados com extremo cuidado, pois levam ao abuso de bebidas e drogas, ao isolamento, à depressão e a uma tendência suicida, associada a sentimentos de desvalorização, não-pertencimento e inutilidade. Mesmo assim, existem pessoas que desenvolvem artifícios mentais para conduzir suas vidas. O Prof. David Castle, da Universidade de Melbourne, conta que um de seus pacientes, induzia um estado de “não-presença” para conseguir se apresentar em público:

Ela podia entrar em um elevador com espelhos e simplesmente não “ver” a si mesma!

Tradicionalmente, o papel do “homem ideal” na sociedade foi claramente definido através da segurança (principalmente financeira). Hoje essa segurança também precisa ser mostrada através da aparência física. A Sociedade Psicológica Australiana reuniu estatísticas sobre a imagem corporal masculina, incluindo informações sobre os hábitos das pessoas com transtorno dismórfico corporal. A pesquisa confirma que nos últimos anos o número de homens que procuram tratamento para a insatisfação com a imagem corporal TRIPLICOU nos últimos 25 anos: de 15% da população para 45%.

Aqui estão algumas outras estatísticas alarmantes sobre os homens e o corpo masculino ideal:

- 8=D Uma em cada dez pessoas com anorexia é do sexo masculino.
- 8=D 17% dos homens estão em dietas extremas.
- 8=D 3% dos homens comem compulsivamente.
- 8=D 4% dos homens são bulímicos.
- 8=D 3% dos meninos adolescentes usam drogas que melhoram o desempenho.



Body Positivity

Existe ainda um subtipo do TDC, o *Transtorno Dismórfico Muscular* – também chamado de *Vigorexia*, *Bigorexia* ou *Síndrome de Adônis* –, onde o indivíduo manifesta a distorção de sua autoimagem a partir de sua estrutura corporal ser insuficientemente musculosa, levando-o ao exagero nos exercícios, ao uso de anabolizantes e aos implantes musculares. Costuma estar associada à Anorexia.

O TDC é um transtorno bastante comum, afetando cerca de 2,5% da população em diferentes níveis (no Brasil, em 2016, era cerca de 4 milhões de

peçoas), mas tem aumentado exponencialmente com os elevados padrões corporais e o exibicionismo inerente às redes sociais que confundem ainda mais os limites entre corpo real/natural e o corpo ideal/utópico. Independente de gênero ou orientação sexual, esse transtorno geralmente começa a ser desenvolvido na pré-adolescência – fortemente associado ao bullying, à aceitação social e às drásticas mudanças corporais/hormonais –, ganhando força no início da fase adulta. Alguns estudos indicam uma origem neurológica para o transtorno: o cérebro dos pacientes com TDC sofre de um descompasso de substâncias como noradrenalina, dopamina e serotonina, sobretudo nas regiões relacionadas à visão e ao gerenciamento de emoções. Tais substâncias estão associados aos mecanismos de recompensa, ansiedade, motivação e humor. A indicação de tratamento é a Terapia Cognitiva-Comportamental, abordagem que tem tido resultados mais eficazes. A variante delirante responde melhor a medicamentos antidepressivos ao invés de antipsicóticos.

Elogiar ou dizer que o defeito é inexistente não resolve, pois não é um transtorno narcísico ou um mero excesso de vaidade. É uma questão interna que deve ser resolvida entre o indivíduo e suas próprias preocupações (mesmo que elas tenham origem externa, no caso de bullying). O movimento *Body Positive* tem sido de grande ajuda.

Positividade corporal é um movimento social que defende a aceitação do corpo, independentemente de forma, tamanho ou aparência, indicando a beleza como uma construção social. Ao apontar o irrealismo dos padrões que interferem na autoestima, o movimento busca construir a confiança e amor próprio a partir das características físicas.

Considera-se que um movimento de reforma do vestuário vitoriano feminino no século XIX tenha sido o primeiro passo para mudar a tendência das mulheres alterarem seus corpos com espartilhos por um padrão social que causava problemas de saúde. Porém, somente em 1967, houve um protesto contra a humilhação corporal: um apresentador de rádio em Nova York iniciou um discurso de que a obesidade não é necessariamente sinal de doença.

O movimento se manteve ligado à aceitação da gordura até 2012, quando os movimentos feministas se tornaram mais estruturados e enfrentaram todos os padrões de beleza - inclusive a *Barbie*, que passou a ter outras cores de pele, cabelos e cores dos olhos. Desde, então, dissemina o encorajamento à autoaceitação e o amor próprio indo além do “se sentir bem”, pois entende que qualquer humilhação relacionada a todos os tipos de corpos produz efeitos psicológicos prejudiciais a longo prazo. Não é se conformar com quem você é e pronto, muito menos esquecer suas dificuldades ou pontos negativos. É ter uma visão positiva sobre si como prerrogativa para viver em sociedade, ressignificando o “não gostar de si” para a naturalidade do ser. Assim, enaltece-se o que há de melhor em cada um, considerando as diferenças e particularidades individuais.

Um dos momentos mais importantes dessa aceitação é reconhecer a reprodução do discurso discriminatório, por exemplo, quando uma pessoa obesa recrimina outro obeso por que não se aprecia. O movimento *Body Positive* acredita que, ao se aceitar, o conceito de beleza individual muda e uma nova consciência se manifesta. Até mesmo marcas e empresas precisaram mudar seus posicionamentos, reconhecendo o poder de influência que tem na publicidade comportamental e o impacto positivo que isso pode ter para uma nova geração. Hoje, o movimento já inclui não só as questões raciais como também as de gênero.

Quatro ações são fundamentais para dar início ao *body positive*:

1. *Reveja as pessoas próximas a você, pois é preciso tomar cuidado com “amizades tóxicas” que só depreciam.*
2. *Reveja quem você segue nas redes sociais, pois você pode estar alimentando os discursos discriminatórios e entrando num mundo de insatisfação. Com isso, passe a seguir pessoas reais, corpos reais e perceba outras formas de ver o mundo.*
3. *Seja generoso com você e saiba que nem todos os dias serão positivos, e nesses dias você terá a oportunidade de refletir e crescer ao invés de se colocar para baixo.*
4. *E, por fim, o mais difícil dos desafios: não compare! Entenda as diferenças! Você tem suas particularidades, assim como todo mundo.*

Em setembro de 2013, o o jornal *The Sun* pediu a quatro leitores masculinos que recriassem os anúncios de roupas íntimas masculinas, comparando-os com os originais presumivelmente retocados, para mostrar como os homens também são inundados por padrões quase impossíveis de modelos e esportistas profissionais.



A marca de roupas masculinas *Dressmann* tomou o *body positive* como lema: “Metade da nossa população é muitas vezes esquecida no debate em curso, pois a mídia e a indústria da moda predominantemente mostram homens que são fortes, musculosos e tonificados”, disse o Departamento de Marketing na época. Por essa razão, em 2015, lançaram um anúncio com diferentes corpos masculinos seja em idade, raça ou formato.

Uma das estrelas da campanha, Ben Whittaker, o primeiro modelo inglês *plus size* (último à direita), disse:

Muitos dos meus amigos eram menores do que eu, mas mais tonificados, e isso me deixava deprimido. Eu pensava “eu deveria parecer assim?”. Mas, na verdade, não existe um corpo perfeito. Todos os corpos são únicos à sua maneira.

O modelo James King (quarto, da esquerda para a direita) completou:

É muito fácil ficar preso em um ciclo de “eu odeio meu corpo e ninguém mais vai gostar do meu corpo”. Eu tive que forçar a dizer para mim mesmo: “Pare de odiar tanto o seu

corpo! Veja as partes que você gosta em si mesmo e destaque essas partes!”. Ainda não estou 100%, mas coisas como esse anúncio me tiram da zona de conforto e mudam minha mentalidade. Embora eu acredite que a mídia social possa ser ruim para a saúde mental, eu comecei a seguir pessoas mais positivas e inspiradoras que me fizeram sentir que posso ser grande e confiante.

O modelo trans Kenny Ethan Jones (terceiro, da esquerda para a direita) adicionou:

Ir à academia foi muito importante para eu superar minhas inseguranças. A tonificação do corpo fez eu me sentir mais masculino e me deu confiança. E quando você sente essa confiança, você a irradia para todos os outros.

Não somente para mostrar a diversidade, o objetivo do anúncio é também provar que todos são totalmente normais independente da aparência: “Você nem sempre precisa ser forte física ou emocionalmente. Nós não seremos mais vistos como uma marca apenas para o homem perfeito.” **8=D**



O músico Benti sob o olhar de Guilherme Correa

O mineiro Benti mora há mais de 10 anos em São Paulo. Misturando suas diferentes vivências, ele lançou em 2018 seu disco de estreia, chamado *Era Dois*, um trabalho extremamente particular, que insere a viola caipira num universo que passeia entre o pop, o folk e o alternativo, criando canções de amor um tanto quanto melancólicas. Em 2019, lançou ao lado de sua banda Falso Coral o disco *Delta*, de onde saiu o excelente single *Faísca*, com participação de Tiê.

Profícuo, Benti já tem planos bem estruturados para um segundo disco solo e fala sobre música com uma paixão contagiante, a mesma com que constrói suas canções. Há um ponto importante na poética de Benti: suas composições partem sempre de um eu-lírico masculino que versa sobre suas relações homossexuais, o que, em nenhum momento, restringe sua proposta ou a insere em um “gueto”, já que há uma universalidade muito latente nesses temas, como amor, abandono, dúvida e solidão.

De todo modo, o músico ressalta como há vivências que são mais específicas do universo gay, como o uso de aplicativos. “O *Tinder* é uma coisa, mas os gays têm o *Grindr*, o *Hornet*, o *Scruff*, que criam outras experiências, mais diretas”, explica Benti. Ele ressalta que esses aplicativos, por exemplo, são pontos de partida para músicas como *Gostar de quem* ou *A gente combina*.

Esse universo gay virtual também é um espaço de criação de mitos e padrões muito específicos, o que se reflete corporalmente nas relações homossexuais: há, inegavelmente, um tipo específico de corpo que comunica algo nesses espaços. “São brancos, malhados, que viajaram o mundo e que nos faz parecer sempre fora disso. No último semestre, eu engordei 5 kg e, mesmo sabendo que eu não deveria me preocupar com isso, de alguma forma inconsciente eu fico me questionando sobre meu corpo, sobre como ele irá aparecer, como vou estar”, fala Benti.





Este ensaio fotografado por Guilherme Correa para a *Falo Magazine* é apenas a segunda vez em que Bemti se defronta com seu corpo por esse viés artístico, entendendo-o também como uma plataforma, seja de aprisionamento ou libertação. “Nas redes, a gente percebe que o corpo já chama atenção: dia desses eu postei uma foto no Instagram falando que o single *Fáisca* havia tido mais de 200 mil plays e tive pouco mais de 200 likes; já quando postei uma foto minha sem camisa, como que deitado na cama, tive mais de mil e tantos likes”, conta o cantor.

O músico também acredita que nos últimos tempos, as marcas e a mídia buscaram de alguma forma encaixotar os artistas LGBT em um espaço específico, um tanto quanto homogêneo. No entanto, ciente da grande diversidade de projetos e cenários distintos, quer mostrar um trabalho que fuja das expectativas atuais, fazendo a sua hora acontecer de forma independente, correndo atrás de cada pequeno passo de sua carreira.

No final das contas, esse ensaio foi um exercício de Bemti com seu corpo e através de sua liberdade, pois o músico driblou a timidez para conseguir transpassar naturalidade em um nascer do dia no centro de São Paulo, em sessão de fotos realizada no charmoso edifício Germaine Burchard. A lente de Guilherme Correa capta aqui um artista pulsante, que entende nesse momento a sua voz enquanto homem gay e que busca a partir disso expandir possibilidades. Se “essa vida é garimpar amores”, Bemti mostra-se um garimpeiro de mão cheia.

Renan Guerra é jornalista de cultura que escreve sobre música e cinema nos sites *Scream & Yell* e *Monkeybuzz*

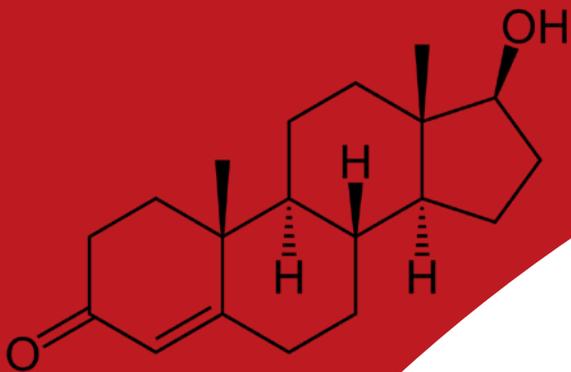


FAROCAMPSE

Testosterona

por Filipe Chagas e André Guimarães

A testosterona é conhecida como o hormônio sexual masculino, responsável pelo desenvolvimento do aparelho reprodutor, bem como a promoção de características sexuais secundárias, como pêlos corporais (efeito androgênico) e o pomo-de-adão. Mas ela tem outras funções. Por exemplo, seu efeito anabólico (síntese de moléculas complexas a partir de moléculas mais simples) a torna responsável pelo crescimento de massa muscular e maturação óssea. Também age na estamina (resistência ao esforço), no sistema nervoso e, portanto, no bem-estar geral.



Nos seres humanos (e na maioria dos outros vertebrados) machos, a testosterona é secretada principalmente pelos testículos, sendo estimulada pelo LH (Hormônio Luteinizante), que é um hormônio produzido pela hipófise, uma glândula do cérebro. Toda as vezes que a hipófise aumenta a liberação de LH, os testículos respondem aumentando a produção de testosterona.

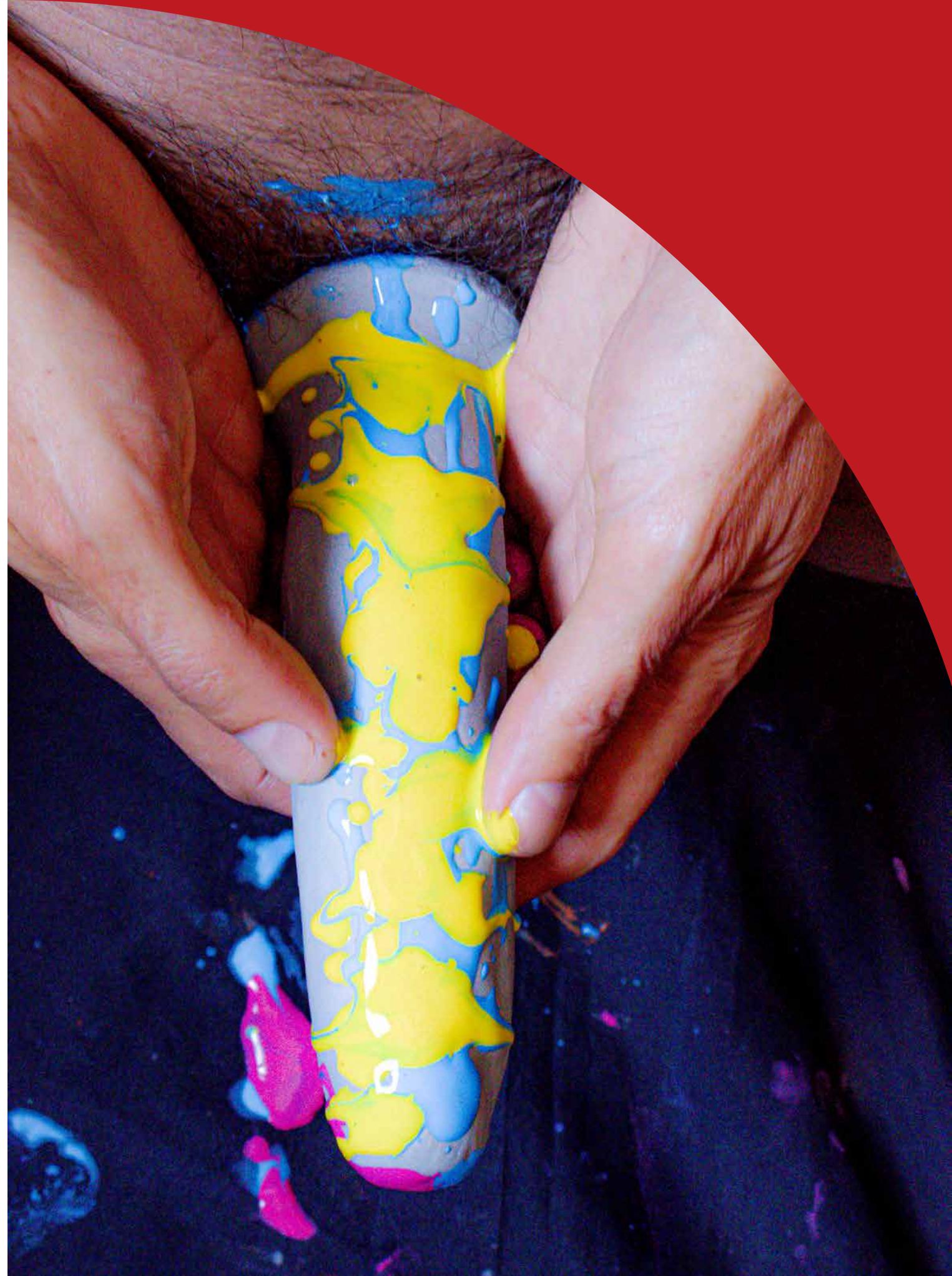
O médico nefrologista Pedro Pinheiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diz, em artigo para o site *MD.Saúde*, que a produção de testosterona atinge o pico em três fases distintas da vida de um homem:

1°: Durante o período fetal, ocorrem dois momentos de pico: pouco depois do primeiro mês de gestação, inicia-se a virilização genital, ou seja, a formação dos órgãos sexuais; e, no segundo trimestre de gestação, afeta o desenvolvimento de características físicas masculinas e formação de gênero.

2°: Apesar de pouco estudado pela ciência, o primeiro ano de vida dos meninos tem uma elevação dos níveis de testosterona; acredita-se que seja para “masculinizar” o cérebro, preparando-os para o desenvolvimento corporal.

3°: A puberdade, resultando em várias mudanças externas, como alteração da voz, espessamento da pele, aumento dos pelos corporais, maturação genital, produção de espermatozoides, aumento da libido, crescimento ósseo, aumento da massa muscular e redução da gordura corporal.

A forma mais comum de avaliar os níveis desse hormônio no organismo é fazendo um exame de sangue para medir a Testosterona Total e a Testosterona Livre (parte que realmente tem ação no organismo). O nível sanguíneo normal de testosterona nos homens adultos (a partir de 19 anos) é de 240-950 ng/dL. Um adolescente entre 14 e 18 anos pode atingir picos de 1200 ng/dL.



Alguns nutrientes colaboram para a produção ou elevação deste hormônio, como: zinco (ostras, carnes, gérmen de trigo, cereais integrais, maca peruana e semente de abóbora), magnésio (folhas verde-escuras, banana, abacate e oleaginosas) e vitamina D (gema do ovo, sardinha, salmão e arenque). Entretanto, a obesidade reduz os níveis de testosterona livre.

Taxas elevadas de testosterona livre podem causar alterações físicas como elevação do colesterol, hipertensão arterial, hipertrofia cardíaca (aumento do risco de infarto), retenção de líquidos, aumento da oleosidade da pele e acne, mau odor corporal, calvície, redução na produção de espermatozoides, ginecomastia (crescimento de mama) e aumento do volume da próstata (aumento do risco de câncer). Nesses casos é preciso realizar exames para verificar se alguma doença está estimulando a produção de androgênios. É importante lembrar que o excesso desse hormônio pode estar relacionado a alterações de humor, como irritabilidade, agressividade, impaciência e destemor.

Já o hipogonadismo surge sempre que organismo não produz as quantidades adequadas de testosterona, seja devido a um problema com os testículos ou com a hipófise. Pode acontecer na vida fetal (origem genética, causando má formação genital) ou durante a pré-adolescência (provocado por doenças ou uso de medicamentos, interferindo na puberdade).



A endocrinologista Ruth Clapauch, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia, para o site *Minha Vida*, explica que a produção natural de testosterona no sangue do homem cai naturalmente com o passar da idade, aproximadamente 1% ao ano a partir dos 40: é chamado de Declínio Androgênico do Envelhecimento Masculino (DAEM). Níveis insuficientes de testosterona nos homens podem causar perda de vitalidade, dificuldade de concentração, redução de libido, disfunção erétil, depressão, sonolência, perda de memória, alteração de humor, fragilidade óssea, redução de massa muscular e, até mesmo, favorecer o desenvolvimento de doenças cardiovasculares e diabetes tipo 2. Em matéria para o site *Bem Estar*, do *Globo.com*, o médico urologista Archimedes Nardoza Jr., da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ressalta que, de modo geral, muitos pacientes só procuram o urologista quando começam a ter problemas de ereção: “Eles não associam sintomas como diminuição do desejo sexual, cansaço, alterações de humor e distúrbios do sono ao declínio do nível de testosterona”, afirma.

88

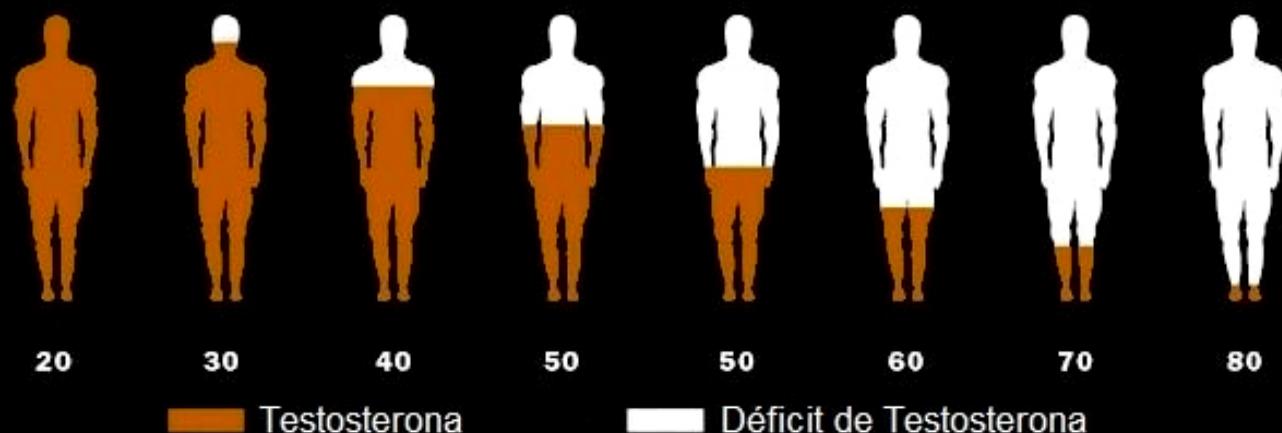


89

Esse quadro – semelhante à menopausa das mulheres – é chamado de andropausa ou hipogonadismo tardio. Em casos de níveis sanguíneos de testosterona menores que 200 ng/dL (tendo sido medidos em pelo menos três oportunidades diferentes durante o período da manhã), a reposição hormonal através de testosterona sintética pode ser prescrita para neutralizar a deficiência.

Existem várias opções de testosterona sintética no mercado, que vão desde injeções, até géis e adesivos de pele. A partir da metade do século XX, ela passou a ser também utilizada como suplemento para pessoas que desejam aumentar a sua massa muscular e buscam melhor desempenho esportivo. Porém, o uso indiscriminado da substância – causando fatalidades – fez com que a suplementação hormonal passasse a ser vista como *dopping* em atividades esportivas. **8=D**

Nível de Testosterona Vs. Idade



ATENÇÃO: Todo tratamento deve ser acompanhado por um médico especialista, de preferência endocrinologista e/ou urologista.



PERGUNTA:
É verdade que o uso de testosterona sintética reduz os testículos e causa infertilidade?

Sim. A atrofia testicular acontece porque, uma vez que o organismo está recebendo testosterona externa, não há necessidade dos testículos realizarem suas funções de produzir o hormônio e os espermatozoides.

Fotos artísticas feitas por Chris, The Red. Escultura: Meio Kilo, por Regis Ribeiro.



PERGUNTA:
Por que o uso de testosterona sintética pode deixar o peito com aparência feminina (ginecomastia)?

Doses elevadas de hormônios androgênicos provocam também aumento dos níveis de estrogênio, uma vez que parte da testosterona em excesso é convertida no hormônio feminino. Para evitar a ocorrência desses efeitos colaterais, algumas pessoas associam fármacos anti-estrogênicos, como o tamoxifeno.

FALOCAMPSE é o nome que se dá à curvatura do pênis, quando em ereção. A coluna leva esse nome na ideia de trazer assuntos que tangenciam a nudez masculina na Arte.



Agência de Intercâmbios
São Paulo
Brasil

Descubra-se.
Seja um Wanderluster!

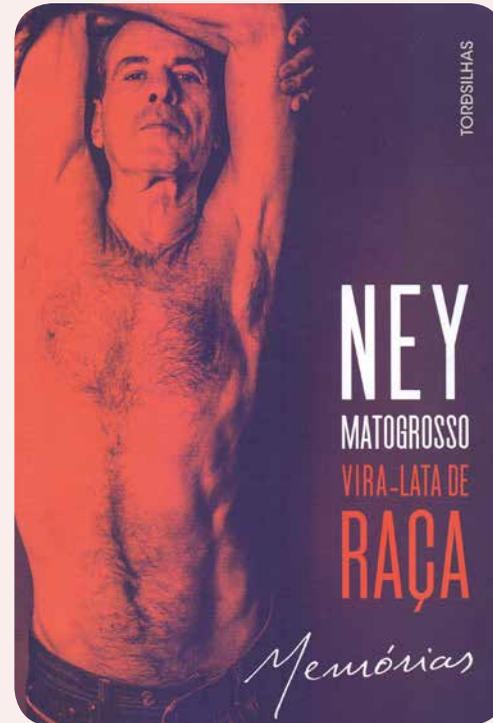
wintercambios.com.br
Avenida Paulista, 807, 1117

CIENTISTAS ENCONTRAM
O "MONSTRO DO LAGO NESS" !!



Vira-lata de raça de Ney Matogrosso (2018)

Antes de falar do livro em si, entenda: **Ney Matogrosso** (1941-) é um ícone da cultura brasileira. Esse artista (“não escrevo ‘cantor’, pois não quero me limitar”) deveria ser uma referência para todos aqueles que hoje exploram seus corpos publicamente, com ou sem nudez. Apesar de não gostar do termo “empoderamento”, a coragem de Ney em enfrentar de peito nu – literalmente – um dos períodos mais sombrios da história brasileira é engrandecedor. Aliás, Ney deveria ser um exemplo para todos nós na forma como lida com a vida, com o tempo, com as adversidades. Não estou sacralizando a figura de Ney, mas, após a leitura de sua biografia (escrita com a organização e a pesquisa do poeta Ramon Nunes Mello), tenho certeza que o sagrado e o profano fazem parte dele e o ajudam em sua constante reinvenção.



Capa do livro lançado pela Tordesilhas.

Neste livro, o cantor Ney Matogrosso lembra de momentos marcantes de sua trajetória pessoal e profissional, de sua infância no Mato Grosso – principalmente a relação conturbada com a autoridade do seu pai –, passando pelos anos 1970, quando despontou no cenário nacional em meio à ditadura, até os dias de hoje. Mesmo falando abertamente, consegue preservar sua intimidade, ressaltando sua formação familiar, os lugares onde viveu pelo país, sua conexão espiritual com a natureza, as experiências com drogas e a liberdade para lidar com sua sexualidade e seus amores, o combate à censura e a transgressão estética.

Ao criar seu personagem com maquiagens, figurinos e adereços andróginos para o *Secos & Molhados*, Ney sabia que precisava liberar seu corpo para se expressar artisticamente independente de qualquer vergonha que tivesse, fosse das mãos, dos pés ou de tirar a camisa na frente dos outros.

Eu sempre me entendi no palco como um personagem, liberando uma parte do meu inconsciente e do coletivo. Era uma liberdade impressionante, libertadora em todos os sentidos. Com o rosto pintado eu compreendi que desenvolvia a coragem de que necessitava para me expor fisicamente. Foi dessa forma que acessei uma coragem e uma liberdade que eu não supunha que existisse dentro de mim.

Para Ney, rótulos são formas fáceis e práticas de manipulação (“O que esquecem é que uma pessoa é muito mais do que um rótulo”). Encontrou, então, a melhor forma de contestar um pensamento hegemônico e um padrão de masculinidade da época ditatorial, que não permitia ao homem exercer sua sensualidade (“um homem nu, de voz aguda, requebrando no palco”):

Vivíamos num país muito conservador, machista, então nós causávamos incômodo e estranheza com a carga de transgressão através da questão sexual, do comportamento. [...] Recebi inúmeras ameaças de morte, mas nunca me intimidei. Minha arma era a libido. Sempre fui muito recatado, mas descobri que, com aquela maquiagem, liberava um lado meu mais agressivo, contestador. O que eu fazia era para chocar e questionar.

[...]

Chegaram a proibir que as câmeras em programas de televisão me colocassem em close. A força do Secos & Molhados estava justamente em não assumir uma postura de enfrentamento com a ditadura, mas em se constituir como um desafio comportamental através da dança, das roupas, da subjetividade.

[...]

Bem no início do Secos & Molhados, em São Paulo, eu estava cantando “Rosa de Hiroshima”, e a plateia começou a fazer um coro: “Viado! Viado!”. Eu parei de cantar e esperei um tempo, mas o coro de vaias e xingamentos só aumentava. Então fiz uma pose bem linda e esperei um pouco mais. Nada. Foram uns 15 minutos e eu lá, parado, ouvindo milhares de pessoas me chamarem de viado, de filho da puta. Ai peguei o microfone e gritei: “Vão tomar no cu”. Houve um silêncio, e eles começaram a aplaudir. Entendi ali que não podia ter medo deles, tinha que reagir, não baixar a cabeça para aquele bando de conservadores covardes.

Ao rever essas lutas, quando chegou a ter militares no palco vigiando suas apresentações (“hoje em dia o nu está banalizado, quando eu ficava nu era proibido”), Ney acredita que vivemos um período pior, onde, talvez, o *Secos & Molhados* jamais fizesse sucesso. Porém, crê na arte como sua salvação e, portanto, a possibilidade de sermos melhores:

A arte salva e deveria fazer parte dos currículos de todas as profissões. Com a arte presente em nosso cotidiano seríamos seres humanos menos violentos.

Amén! **8=D**

Vira-lata de raça

composição: Rita Lee e Roberto de Carvalho

*Eu sou só um bicho
carente de carinho
Uma criança
problema no meio de
um dilema
Ou choro sozinho
num canto na hora
do espanto
Ou banco o palhaço e
faço estardalhaço
No fundo, no fundo,
no fundo sou um
vagabundo
Um vira-lata de raça,
raçosa no dia de caça
Eu quebro o
protocolo, me atiro no
seu colo
Eu salvo sua vida
quando você se
suicida
Minha dor não dói,
sou marginal, sou
herói
Eu sou Marlon
Brando, vivo numa
ilha
Não faço papel de
santo nem pra minha
família
Não posso ser outra
coisa se não James
Dean
Eu sempre fui mais
bonzinho quando sou
ruim
Minha dor não dói,
sou marginal, sou
herói!*



Já passei dos 60 anos e me sinto cada dia mais incomodado em relação ao meu corpo. Apesar de malhar, me alimentar bem e fazer acompanhamento médico regularmente, me olho no espelho e parece nunca estar bom. Será que estou vivenciando algum tipo de dismorfia ou são os sinais do envelhecimento?

A.L. Manaus, AM

Há uma série de critérios necessários para que o que você sente seja considerado uma dismorfia, mas ressaltamos a estranheza que é vivenciar o processo de envelhecimento e se descobrir como outra pessoa.

Nossa realidade corporal é construída a partir do olhar do outro e da nossa própria imagem refletida no espelho. Quando alguém com idade mais avançada se olha no espelho, o que ele vê é uma imagem geralmente ligada a deterioração, uma imagem a qual ele não se identifica e que gera uma enorme estranheza como um “esse não sou eu”. Esse “outro do espelho” denuncia sua condição e, assim, a idade se transforma em angústia.

A exaltação da juventude pela mídia e sociedade em geral propõe um modelo desvalorizado de velhice. Perde-se a beleza física padronizada, a saúde plena, o trabalho, e, embora a qualidade de vida seja preservada, não dá para evitar o sentimento de finitude do ser. A este processo, muitas vezes a resposta é a depressão e diversos outros transtornos associados.

É preciso diferenciar “cultuar o corpo” de “cultivar o corpo”. Cultuar é a preocupação de como o outro te vê, de estar sempre adequado à moda ou às regras impostas pela sociedade. Já cultivar significa cuidar de si mesmo, favorecendo e afirmando seus próprios valores e escolhas.

Espero ter ajudado você a refletir acerca dessa questão.

Grande abraço!

A reprodução proibida, óleo sobre canvas de René Magritte, 1937.

Olá, tenho 26 anos e estou passando por algo conturbado. Desde que comecei a me relacionar sério, há cerca de 6 meses, sinto uma diminuição do meu desejo sexual. O que poderia explicar essa baixa da libido?

L. C. Porto Alegre/RS

Muito se fala atualmente na dificuldade de combinar desejo sexual e afetividade em tempos de relacionamentos líquidos. Geralmente o relacionamento entra em crise quando um dos parceiros tem uma queda no apetite sexual, não consegue atingir o orgasmo, não mantém o pênis rígido durante o sexo, dentre outros problemas que geram desconforto em ambas as partes envolvidas. Porém, essa “baixa da libido”, como você descreveu, pode ter explicações vindas de muitos outros fatores que vão além do envolvimento do casal.

Portanto, é preciso examinar além da relação com seu parceiro. Quando o homem está em picos extremamente elevados de estresse, há aumento dos níveis de cortisol e diminuição da produção de testosterona. O estresse leva ao cansaço e à falta de motivação, interferindo na disposição para uma relação sexual. O mesmo acontece na depressão, que é um transtorno psiquiátrico que também apresenta causas orgânicas, fazendo o sujeito se interessar menos por sexo.

A ansiedade também pode interferir negativamente no desejo sexual. Apesar de frequentemente ligada à ejaculação prematura, pesquisas já apontam que muitos homens acabam apressando de forma intencional o gozo para não perder a ereção durante o sexo e assim ficar subentendido que houve prazer.

É preciso ponderar também sobre os mitos criados pelo imaginário social e coletivo. A ideia de que “o homem deve estar sempre pronto para o sexo” acaba gerando uma expectativa que, quando não cumprida, resulta em diversas disfunções sexuais ou reflexões negativas a respeito da própria sexualidade.

A educação recebida durante a infância e adolescência também é determinante quando se fala em desempenho sexual, já que ela é impactante no desenvolvimento da sexualidade adulta. Se você é alguém que recebeu uma educação sexual repressora, por exemplo, a possibilidade de surgirem ideias errôneas ou tabus acerca do ato sexual é altamente possível; o mesmo vale para a influência de crenças religiosas na vida de todos nós.

Por último e não menos importante, é fundamental atentar para nossa própria autoestima. Homens muito tímidos, que não se valorizam o suficiente, que possuem muitas dúvidas sobre a sua capacidade sexual ou se sentem inferiores ao parceiro ou a padrões corporais masculinos estabelecidos pela sociedade, também acabam propensos a desenvolver uma baixa da libido.

O mais correto seria analisar se essa diminuição do desejo é realmente pelo parceiro ou se tem algo mais. Se for pelo parceiro e continuar perdurando, uma conversa entre o casal pode ser um caminho eficiente. Se for algum outro fator, um exame de sangue direcionado pode apontar um sinal. Em ambas as situações, o auxílio terapêutico é bem-vindo.

Fica bem!

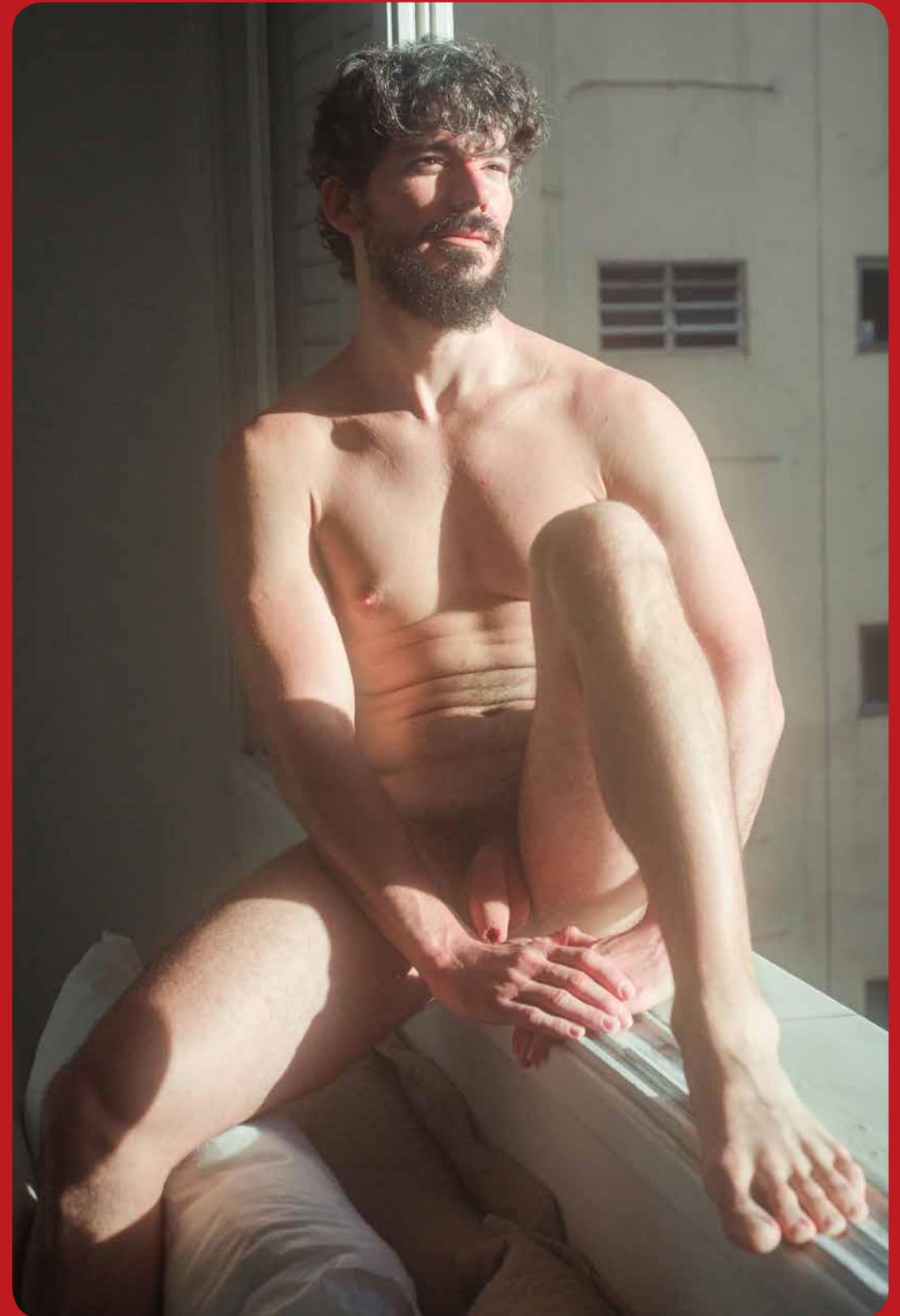
noisy
rain
gay art magazine
WWW.NOISYRAIN.COM



ONLINE GAY ART MAGAZINE

THE ART OF BEING SPECIAL · THE ART OF BEING BEAUTIFUL

moNumento



Modelo: Marcelo. Foto: Janssem Cardoso.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

